



LIBERDADE
M
A

3
AMOR

LIBERTAS QUE SERI
TAMEN

Ivanda

Educação

POEMA FRATERNAL

Todo mundo no mundo é meu irmão
Olha a formiga doceira, minha irmã
olha a rosa no galho,
olha a gota de orvalho,
olha o frade, olha o abade,
olha o moço, olha o velho
olha o rei, o mendigo,
olha a terra, olha o trigo,
olha a chuva macia,

ensopando este chão,
tudo tem coração,
tudo é meu irmão.

— Rostos, feições, várias figuras
de milhões de criaturas,
meus irmãos.

Olha a estrela do céu,
olha a estrela do mar.
— Oh! como sinto imensos os meus braços.
Pois tudo é meu irmão.

— Deus, tira-me tudo,
Podeis fazê-lo.
Deixa-me no entanto a alegria
sem fim de amar tudo,
de gostar de tudo,
de todos os homens,
de todas as criaturas,
e deixa que lhes sugira
o canto que me transborda
quando penso que Tu, ao
coroar com Cristo,
as maravilhas da criação
dá-me o direito de chamá-Lo ainda,
meu irmão, meu irmão!...

FRANCISCANA



AMAE EDUCANDO

DIREÇÃO

Scyomara Pinto Ribeiro

COMPOSIÇÃO, REDAÇÃO E REVISÃO

Maria Célia Bueno

Maria Helena Teixeira

Sônia Fiuza da Rocha Castilho

Yara Terezinha de Moura Cotta

DIREÇÃO FINANCEIRA

Gilda Pazzini Lodi

CONSULTORES

Ely Fonseca Dutra

Lêda Lourenço

Lúcia Monteiro Casassanta

CRÍTICOS

Ana Lúcia Amaral Duarte

Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado

Raymundo Nonato Fernandes

COLABORADORES

Alunas do 1º ano do CAE

Gláucia Maria de Carvalho

Irmã Catarina Cotegipe

Maria da Conceição Bueno

ARTE

Desenho: Ivanda Alvarenga Bottrel

EXPANSÃO E DIVULGAÇÃO

Maria Helena de Andrade

Rosa Emília de Araújo Mendes

PUBLICAÇÃO MENSAL DA ASSOCIAÇÃO MINEIRA
DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO — BELO HORIZONTE

Distribuição: Instituto de Educação

PRIMÁRIO:

22 - LINGUAGEM:

No mês da Inconfidência, um plano de leitura sobre seu maior herói. Uma sugestão para você.

7 - MATEMÁTICA:

Cinco décimos de boa bibliografia, cinco décimos de bom material e... um inteiro sobre Decimais.

30 - ESTUDOS SOCIAIS:

Para enriquecer seu material sobre Inconfidência Mineira, apresentamos um auditório completo. Muito sucesso e "Liberdade" em sua realização.

12 - CIÊNCIAS NATURAIS:

Os animais: eles nos ajudam ou prejudicam?

PRÉ-PRIMÁRIO

44 - Você sabia do que são capazes os adultos num Jardim de Infância?

Leia e constate que nem sempre é demais "gente grande no mundo dos pequenos".

SUPLETIVO:

3 - LINGUAGEM:

Cara Colega pt

Ensine Linguagem prática a seus alunos pt

ENSINO RELIGIOSO:

38 - A Religião é fundamental na vida do ser humano. Se bem cedo iniciamos nossas crianças na sua vivência, melhores serão os resultados futuros. Veja a sugestão de um calendário para suas aulas de religião.

AMAE:

— E o que foi feito nos anos anteriores? Leiam o relatório de quem se despede.

40 — Cara Colega

E MAIS:

CONVITE

Já se disse que o ensino é uma galeria de heróis esquecidos.

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
RECEBIDO DE EXPEDIÇÃO		REV	ANAE EDUCANDO INSTITUTO
DE		DE	EDUCAÇÃO
AS		SALA	27
POR		CAPITAL	
PREÂMBULO		DE	BHORIZONTE MG 2098 20 27 18
<p>HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER, COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.</p>			
<p>SOLICITO COLABORAÇÃO LINGUAGEM ESCRITA BEM PRÁTICA</p>			
<p>PRIMEIRO ANO SUPLETIVO LEDA BELTRAO</p>			
TEXTO E ASSINATURA			

Sentimos logo desejo de ajudá-la. Foi apenas o tempo de pesquisa e reunião de material. Entendemos, da carta que acompanhava o telegrama, que você é professora do Curso Supletivo. Trabalha com alunos que têm 2, 3 e até 4 anos de escolaridade. Muitos deles, você nos diz, não são propriamente repetentes e sim, alunos que não concluem a 1a. série. Conhecem, praticamente de cor, os pré-livros e cartilhas mais comuns, mas mesmo as-

sim, têm linguagem pobre e lêem sem grande compreensão. Por serem adultos, você considera o programa de linguagem divorciado da realidade do mundo em que vivem: tratando-se de leitura, acha as histórias ou infantis ou favorecendo pouco a uma melhor adaptação deles à sociedade; tratando-se de escrita ou composição, gostaria de desenvolver atividades bem mais práticas e funcionais.

Vamos ajudá-la.

LINGUAGEM PARA O SUPLETIVO



O Programa de Ensino de 1965 indica às páginas 35 e 36 que recados, bilhetes, cartas e telegramas são formas de linguagem escrita que têm os mesmos objetivos e utilidades da Composição.

COMECEMOS PELO RECADO

Ele tem os seguintes valores:

- 1.º — desenvolve o conhecimento de linguagem comunicação;
- 2.º — favorece o encadeamento lógico de idéias;
- 3.º — traz desembaraço social;
- 4.º — e desenvolve a atitude de ser prestativo.

Para desenvolver a habilidade de enviar recados, você conversaria assim com sua turma:

— Já lhes aconteceu alguma vez ter de se comunicarem com alguém, com uma certa pressa e não poderem, por qualquer motivo, estar pessoalmente com este alguém?

Que costumam fazer numa ocasião destas? Como resolvem problemas deste tipo?

Ah, sim! Envia um recado.

É claro, é uma ótima solução! Mas devemos ter cuidado ao mandar um recado para que ele surta o efeito que desejamos. Vamos lembrar que:

- necessitamos um portador;
- necessitamos resumir a notícia; usando, no entanto, uma linguagem correta e clara à compreensão do destinatário;
- necessitamos agradecer ao portador.

QUANDO O RECADO É O MELHOR MEIO?

- quando o destinatário não está próximo de nós;
- quando não podemos usar o telefone ou ir até ele;
- quando a notícia que queremos transmitir é curta, mas urgente.

PORQUE RECADO?

- porque temos um aviso a transmitir;
- porque temos um agradecimento a enviar;
- porque temos um convite a renovar;
- porque temos um pedido a fazer;
- porque devemos pedir desculpas.

— Vamos experimentar? Como vocês enviariam agora um recado ao zelador, pedindo para consertar a janela, que não quer fechar? Lembrem-se: dizer tudo em poucas palavras!

Tendo proporcionado um motivo autêntico espere que três, quatro ou cinco alunos formulem o recado. Escolha o melhor e deixe que o dono o transmita.

Para fixar esta nova habilidade, não se esqueça de aproveitar todas as ocasiões que o dia letivo oferece.

EXEMPLOS DE SITUAÇÕES QUE SE RESOLVEM COM RECADOS:

1 — Para a *diretora*:

- * agradecendo préstimos
- * fazendo convites
- * solicitando autorização

2 — Para o *médico*:

- * marcando consulta

3 — para a *bibliotecária*:

- * pedindo livros e cartazes
- * agradecendo empréstimos
- * marcando horário para consulta

4 — para a *cantineira*:

- * pedindo merenda
- * agradecendo favores

5 — para outras professoras e colegas:

- * comunicando, pedindo, agradecendo

VEJAMOS O BILHETE. Vocês o preferirão ao recado quando:

- o portador for incapaz de transmitir com acerto a notícia;
- o destinatário for pessoa não muito intimamente ligado a você;
- o destinatário ocupar posição hierárquica mais elevada que a sua.

PARA ELABORAR UM BILHETE, vocês devem pensar:

- na saudação;
- na mensagem, dando relevo especial às datas, horários e locais;
- no fêcho ou despedida.

POR SER O BILHETE UMA FORMA DE LINGUAGEM ESCRITA É NECESSÁRIO:

- prestar muita atenção na organização de idéias;
- procurar uma forma simples, sem floreios;
- procurar redigir sem erros ortográficos;
- procurar pontuar convenientemente a redação;

VAMOS ENTÃO TREINAR A ESCRITA DE UM BILHETE:

Para a "Festa do Livro" seria bom que a diretora comparecesse, não acham? Vamos convidá-la, deixando um bilhete em sua mesa de trabalho? O que vamos escrever em primeiro lugar?

Levar a classe a formular várias sentenças de saudação, elaborar o motivo e escolher a despedida. Passar o bilhete no quadro para que os alunos o copiem. Uma boa redação deve ser anexada ao álbum de modelos para a classe.

EXEMPLOS DE BILHETES PARA O ÁLBUM:

— Avisando:

Antônia,
não posso acompanhá-la ao circo. Tenho prova de Matemática terça-feira.

Maria

D. Rute,
a empregada que a senhora pediu, chegará domingo, dia 30. Venha buscá-la em minha casa.

Zulmira

— Pedindo:

D. Ivone,
precisamos de um cadeado para o armário de nossa sala. Agradecemos se a senhora tomar providência.

Alunos de D. Márcia.

Neide,

gostaria de usar, sábado, sua bolsa de verniz. Agradeço se você puder emprestá-la para mim.

Cristina

— Convidando:

D. Rita,

faremos nossa "Festa do Livro" sexta-feira, às 15 horas. Será um prazer tê-la conosco. Alunos do 1º ano noturno.

Dorinha,

domingo é aniversário de Marcos. Venha almoçar conosco, Abraços.

Célia.

AGORA O TELEGRAMA.

É aquela comunicação que sempre recebemos com o coração aos pulos. Notícia boa? Má? Quem dos nossos vai chegar, ou foi promovido, ou sofreu um acidente? Muita expectativa para ler, em poucas palavras, uma grande notícia. Então:

- o telegrama é uma comunicação urgente;
- o destinatário não pode ou não deve ser alcançado por recado ou telefone,

Quando somos nós quem o redigimos, devemos expressar de maneira sintética, porém com muita precisão, a fim de que o telegrama possa ser entendido por quem o recebe.

Sigam as ordens que vou dar:

(A professora levará para toda a classe fórmulas obtidas no Departamento de Correios e Telégrafos)

1 — EXPLORAR O MATERIAL IMPRESSO:

- dados que só serão preenchidos pelo Departamento dos Correios e Telégrafos: carimbo da estação, espécie, origem, número, palavras, data, hora, via a seguir, hora de transmissão, iniciais do operador;
- dados que nós preencheremos:
 - * destinatário: — nome de quem receberá o telegrama;
 - * endereço: — avenida, rua, ou praça; número; bairro; cidade e estado;
 - * texto: — a mensagem
 - * assinatura: o nome de quem escreve;
 - * dados do remetente: nome e endereço.

QUANDO REDIGIMOS UM TELEGRAMA DEVEMOS SINTETIZAR O TEXTO:

- eliminando os artigos;
- eliminando as conjunções;
- eliminando as vírgulas e pontos, sempre que a ausência deles não prejudique a compreensão da mensagem.

EXEMPLOS DE TELEGRAMAS PARA AS VÁRIAS OCASIÕES:

- cumprimentando em aniversários, casamentos:

SUA ALEGRIA HOJE É NOSSA PT
PARABÊNS PT VOTOS FELICIDADES SEMPRE PT

- Cumprimentando em promoções, aprovações:

VITÓRIA HOJE ALCANÇADA MARQUE FUTURO BRILHANTE PT

- Transmitindo notícias:

VENHA PT INÍCIO AULAS DIA 3 PT

VOVÓ MAL SAÚDE PT VENHA PT

BEBÊ CHEGOU HOJE PT LÚCIA BEM PT

E AS CARTAS.

E chega por fim a hora de levar a classe a expressar idéias independentemente — é, mais do que nunca, o momento de escrever CARTAS:

- trata-se de um assunto pessoal;
- sem possibilidade de ser comunicado diretamente;
- o motivo é extenso para ser transmitido oralmente;
- nem todas as pessoas devem conhecê-lo;

leve a classe a pensar:

- no tema global, isto é, em todos os itens que tem a relatar;
- em colocar as idéias em ordem, de modo a que o trabalho tenha um *princípio*, um *meio* e um *fim*

Faça, agora, com eles rascunhem a carta.

Em seguida, leve-os a corrigir

- a forma;
- a pontuação;
- os parágrafos;
- a ortografia;
- a repetição desnecessária;
- a concordância.

Ao passar a limpo, diga que devem começar pela data, um cumprimento, depois a mensagem e, finalmente, na despedida, a assinatura.

Caro professora,
ficaremos felizes se tivermos
conseguido ajudá-la.
Mama Célia Bueno

Eles são um assunto bem tranqullo para o professor que lhes dá a devida atenção.

Eles são envolvidos em muitos problemas mas não são problema.

Eles são...

Os números decimais

Vicentina C. A. Santos

Os números decimais ocupam um lugar importantíssimo na nossa vida diária.

É a eles que recorreremos quando lidamos com dinheiro e quando lidamos com as diversas medidas.

Antes de seu estudo formal a criança já teve muitas oportunidades de lidar com decimais. Ela já leu uma nota dada pelo professor, envolvendo 5 décimos, já comprou centímetros de plástico, fita, etc.

O largo emprêgo dos números decimais contribui, efetivamente, para facilitar seu estudo e compreensão.

Mas, por onde vamos começar?

Os pontos de partida divergem segundo várias opiniões.

Alguns preferem o sistema de Numeração, outros as frações ordinárias, o Sistema Monetário e, ainda outros, as Medidas.

A introdução pelo Sistema de Numeração nos parece mais lógica já que os números decimais têm como base os princípios do nosso Sistema de Numeração.

As Medidas são aplicação dos números decimais e têm seu vocabulário próprio que pode dificultar a compreensão do assunto em foco. Para quem está começando, não é difícil confundir decímetros com décimos, centímetros com centésimos, etc. o que deve ser evitado.

PRONTIDÃO PARA OS NÚMEROS DECIMAIS

Se vamos começar pelo Sistema de Numeração a prontidão deve ser:

- 1 — Compreensão dos princípios básicos do Sistema de Numeração:
 - A base de nossos Sistema de Numeração é dez.
 - Os algarismos têm um valor absoluto e um valor relativo.
 - O zero é importante para a representação dos números.

MATEMÁTICA

Yara Tevezinha de Moura Cotta

2 — Conhecimento das frações ordinárias:

- O inteiro pode ser dividido em qualquer número de partes iguais.
- Quanto maior o número de partes em que o inteiro é dividido, menores serão as partes.
- O numerador mostra o número de partes tomadas do inteiro.
- O denominador diz o número de partes em que se dividiu o inteiro e dá nome à fração.

Este conhecimento prévio das frações ordinárias facilita o trabalho. É mais fácil para a criança apreender a noção, por exemplo, de metade do que a de 5 décimos.

A noção de que a fração é menor do que a unidade vai ajudar a criança a ver os números decimais como um tipo especial de frações que têm como denominador 10 ou uma potência de 10.

É importante que o professor procure inventariar os conhecimentos que as crianças têm nas duas áreas acima mencionadas, especialmente no Sistema de Numeração que às vezes fica um pouco mais distante.

O tempo gasto em verificar e reensinar vai garantir um trabalho mais seguro e sem lacunas.

Sugerimos algumas atividades que podem servir para o professor avaliar se sua classe vai bem quanto ao Sistema de Numeração.

1 — 85 — 78

- Quanto vale o algarismo 8 no numeral 85?
- Quanto vale o algarismo 8 no numeral 78?
- Porque o mesmo algarismo 8 apresenta valores tão diferentes?

2 — 999

- Diga quantas vezes o algarismo 9 do meio é maior que o da direita.

3 — Em 9.707 nós temos:

- ... milhares, ... centenas, ... dezenas, ... unidades.
- ... centenas, ... unidades.
- ... unidades.

4 — Observe este numeral 305.499.

- Que classes aparecem representadas?
- Que ordens aparecem representadas?
- Que ordem não aparece representada?
- Que quer dizer o zero neste numeral? Para que serve?

5 — Qual o maior número que podemos representar com 6 algarismos? E o menor?

6 — Decomponha este número: 216.745.

Inúmeras são as oportunidades que o professor tem de introduzir o estudo de decimais.

Vamos supor que tenha atribuído notas às provas dos alunos. Poderá, então, discutir essas notas.

— Quanto Joãozinho ganhou na prova?

É bem provável que surjam respostas como:

— Ele ganhou nove vírgula três ou nove e três. O professor poderá sugerir:

— Vamos representar no Quadro Valor do Lugar a nota que Joãozinho ganhou?

— Quantas fichas vamos colocar para representar a nota de Joãozinho?

— Nove, não é?

— Quanto faltou para Joãozinho ganhar 10?

— Faltou um ponto completo, ou ele ganhou alguma parte desse ponto?

— Muito bem. Ele ganhou 3 partes do ponto.

— Quantas partes ele perdeu?

— Então, em quantas partes o ponto foi dividido?

— Como chamaríamos estas partes?

— Como poderemos representá-las?

O professor poderá dividir uma das tiras em 10 partes iguais, à vista das crianças, e pedir que uma delas coloque no Quadro Valor do Lugar o número de partes que julgar conveniente para representar a parte do ponto que Joãozinho ganhou.

UNIDADES									
□	□	□	□	□	□	□	□	□	□
□	□	□	□	□	□	□	□	□	□
□	□	□	□	□	□	□	□	□	□

Neste momento, o professor poderá colocar a ficha nomeando a parte que está vaga no Quadro Valor do Lugar (DÉCIMOS).

A criança deve sempre ter oportunidade de comparar as partes com o inteiro e de recompor o inteiro.

Colocada a ficha o professor pedirá à classe que leia e escreva o número representado e retirará as fichas (DEZENAS, UNIDADES E DÉCIMOS).

MATEMÁTICA

MATEMÁTICA

Sem as fichas o número representado será 93.

A classe deve ser levada a observar o numeral.

O professor dirá:

- Vamos ler este numeral?
- Temos aqui nove dezenas e três unidades ou nove unidades e três décimos?
- O que falta a este numeral para representar nove unidades e 3 décimos?

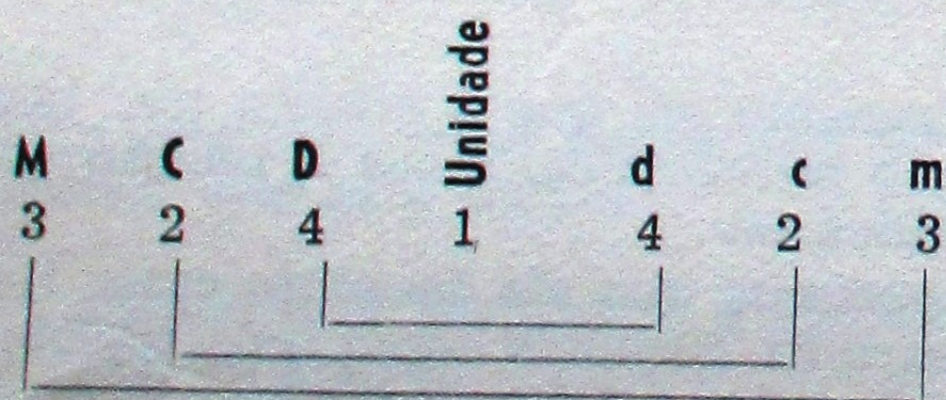
As crianças devem ser levadas a representar muitos outros números no Quadro Valor do Lugar e a trabalhar individualmente com seu material (quadrados, retângulos e círculos de papel para serem divididos em décimos).

Os números decimais em que o zero aparece devem merecer especial atenção.

As crianças devem ser levadas a ver que o zero representa a ausência de unidade completa, temos parte dela.

Uma régua graduada em décimos e centésimos um termômetro grande, uma linha numérica, devem ser utilizados tanto pelos alunos quanto pelo professor no trabalho com os números decimais.

Um cartaz como o seguinte auxilia a criança a guardar e entender a posição da unidade.



Não se apresenta este cartaz pronto. Ele deve ser feito em conjunto com as crianças.

Elas poderão também fazer o seu, para uso individual, de maneira mais simples.

CENTE- NAS	DESE- NAS	UNIDA- DES	DÉCI- MOS	CENTE- SIMOS	MILE- SIMOS
2	4	1	2	3	5

Os números devem ser escritos em fichas.

A ESCRITA DE DECIMAIS

Depois que a criança lidou bastante com a representação no Quadro Valor do Lugar ela deve escrever o que nele está representado.

O professor representará no Quadro Valor do Lugar, lerá com as crianças e colocará, então, as fichas.

UNIDADES	DÉCIMOS
□ □ □	□ □
3	2

A criança copiará o numeral decimal no caderno.

Mais tarde o professor apenas ditará os números que os alunos representarão com seu material individual e escreverão.

Também ao se tratar da escrita é importante que a criança veja que os décimos são partes de um inteiro e de quantos décimos o inteiro é formado.

Como atividade sugerimos:

— Séries para completar:

...0,2 ... 0,4 ... 0,6 ... 0,8.
 2,1 ... 2,3 ... 2,5 ... 2,7 ... 2,9
 0,1 ... 0,20,9 1,9 ...

Este tipo de série, embora pareça muito fácil, serve para a criança perceber a passagem para o inteiro.

Inúmeras oportunidades de trabalhar com inteiros e décimos devem ser proporcionadas às crianças até que elas cheguem às seguintes generalizações:

- Quando dividimos a unidade em 10 partes iguais, cada parte é chamada "décimo".
- A vírgula decimal serve para localizar a unidade, separando a parte inteira da fração.
- À direita da vírgula estão as quantidades menores que a unidade.
- Há simetria em torno da unidade: assim como a dezena é 10 vezes maior que a unidade o décimo é 10 vezes menor.

MATEMÁTICA

O CENTÉSIMO

Deve ser introduzido logo que a criança tenha apreendido o significado do décimo.

As atividades são as mesmas sugeridas anteriormente.

O material (quadrados e retângulos de papel) deve ser grande para facilitar a divisão das figuras em centésimos e a recomposição das mesmas.

Como sugestão de material para a criança temos ainda as folhas de caderno quadriculados: a criança recortará um quadrado com 10 quadradinhos de lado e terá assim a visão de décimos (as linhas) e centésimos (os quadradinhos).

COMPARAÇÃO E EQUIVALÊNCIA

Quando trabalhou com frações ordinárias o professor dedicou grande atenção à comparação e à equivalência entre elas.

Deverá fazer o mesmo trabalho com os números decimais.

Utilizará para isso de quadrados, retângulos e círculos (somente para os décimos) cortados em décimos e centésimos.

As próprias crianças se encarregarão da tarefa de cortar, pois essa atividade lhes facilita a percepção de que 10 centésimos correspondem a 1 décimo e vice-versa, 10 décimos a um inteiro, etc.

Sugerimos como atividade:

— Representar no Quadro Valor do Lugar 0,4 e 0,7

Comparar as duas frações e levar a criança a dizer:

— Qual é maior? Porque é maior?

0,9 — 0,30 — 0,25 — 0,7 — 0,60

Colocar em ordem crescente e decrescente.

— Como você fez para compará-las?

Desenhar figuras geométricas, dividi-las com a régua em décimos e centésimos.

Sombrear, por exemplo, 0,4 e 0,5. Comparar.

Depois de inúmeras experiências a criança deve ser capaz de estabelecer mentalmente certas equivalências.

O professor deve levá-la a sistematizar com algumas atividades como:

— Vamos provar isto, colocando as figuras no flanelógrafo?

10 décimos =¹⁰⁰ centésimos

100 centésimos =¹⁰ décimos

1 décimo =¹⁰ centésimos

— Completar estas igualdades, usando material.

0,1 =¹⁰ centésimos

0,3 =³⁰ centésimos

0,5 =⁵⁰ centésimos

— Organizar com as crianças tabelas de equivalências e mantê-las à vista na sala de aula.

2 = décimos

2,2 = décimos e centésimos, etc.

RELAÇÕES COM AS FRAÇÕES ORDINÁRIAS

No momento em que a criança tem bem firme a noção de décimos, faz-se a relação com as frações ordinárias.

É importante que ela descubra essas relações e não encare os decimais como um tópico novo, uma área isolada. A diferença, como já dissemos, está apenas na maneira de escrever.

A equivalência das duas formas deve ser demonstrada.

O professor representará no Quadro Valor do Lugar um número decimal, por exemplo.

UNIDADES	DECÍMOS
0	7

- Como vamos ler o decimal aí representado?
- Quantas partes do inteiro foram tomadas?
- Quantas faltam para completar o inteiro?
- De que outro modo poderíamos representar este número?

O professor escreverá no quadro a fração ordinária correspondente.

— Quais as diferenças entre as duas maneiras de registrar o que está representado no Quadro Valor do Lugar?

— Qual a parte da fração ordinária que está também no número decimal?

— É o numerador, não é? Porque?

Repetir com outros decimais e frações a mesma atividade.

Apresentar também frações ordinárias na sua forma não agrupada para que os alunos as transformem em decimais.

Este trabalho deve ser feito sempre à vista de material e deve levar a criança a concluir que:

- 1 — Os números decimais são u'a maneira diferente de escrever as frações de denominador 10 ou potência de 10.
- 2 — O numerador da fração ordinária corresponde ao número de décimos do número decimal.
- 3 — O número de zeros que aparece no denominador da fração ordinária corresponde ao número de lugares à direita da vírgula no numeral decimal.
- 4 — O denominador de uma fração decimal não é escrito.

RELAÇÕES COM AS MEDIDAS E O SISTEMA MONETÁRIO

É um relacionamento muito fácil de ser feito se a criança está bem segura.

O vocabulário é facilmente estendido ao metro, ao litro, ao grama.

A volta do centavo ao nosso Sistema Monetário favorece um grande número de atividades.

As crianças vão notar que, com o dinheiro, lidamos apenas com centésimos da unidade — o centavo.

ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO DE DECIMAIS

Na terceira série introduzimos pequenas operações com decimais.

São elas muito mais fáceis de serem resolvidas do que as que envolvam frações ordinárias.

É prontidão para Adição e Subtração de decimais:

- saber operar com inteiros, somando e subtraindo;
- compreender que somente quantidades da mesma natureza podem ser somadas ou subtraídas;

Dessa forma a criança entenderá que só podemos somar décimos com décimos, centésimos com centésimos, etc. e colocará corretamente os termos das operações.

É bom que ela descubra por si mesma que operando com decimais temos vírgulas no mesmo local.

Uma habilidade que auxilia nesta fase é a de estimar.

O aluno deve ser levado a fazer estimativa de todas as operações que fizer e, no início realizá-las com material.

A primeira vez que se apresenta um problema envolvendo adição ou subtração de decimais deve-se pedir à criança que faça a estimativa da resposta, que verbalize como pensou, usando o material e que só depois se utilize dos símbolos para representar.

Há uma sequência a ser seguida na adição e subtração de decimais.

Para a terceira série o Programa do Ensino Primário prevê:

— Adição de decimais com resultado menor que a unidade:

$$\text{Ex: } 0,5 + 0,4 = \\ 0,25 + 0,34 =$$

— Adição de decimais com resultado maior que a unidade, isto é envolvendo reagrupamento:

$$\text{Ex: } 0,7 + 0,5 = \quad 0,75 + 0,68 =$$

— Subtrair décimos de décimos e centésimos de centésimos, sem reagrupamento:

$$0,8 - 0,5 = \quad 0,93 - 0,22 =$$

As outras dificuldades de adição e subtração são específicas da 4a. série.

As situações envolvendo operações são inúmeras e o professor deverá aproveitá-las para levar os alunos a resolver problemas, para tornar mais significativa a aprendizagem dos decimais.

CONSULTAS

DAP — Estudando Decimais — Apostila
Brueckner L. J. e Grossnickle E. F.

O ensino da aritmética pela compreensão
E. Fundo de Cultura S. A.

Programa do Ensino Primário de Minas Gerais, 1965

Notas de Aulas do CAE D. Jacy S. V. Vasconcellos

* * *

50 ANIMALS



hand-drawn

Equipe

sob orientação da
Prof.^a Maria do Rosário Costa.

Geni Vitor Fonseca
Maria do Carmo Borba
Maria Lúcia Guimarães
Maria Raimunda Coutinho
alunas do 2.º ano A do CAE

ASSUNTO: ANIMAIS

SÉRIE: PRIMEIRA

DURAÇÃO PROVÁVEL: DUAS SEMANAS

I — OBJETIVOS

A — CONHECIMENTOS

- 1 — Há muitas espécies de animais.
- 2 — Os animais se locomovem de maneira diferentes
- 3 — Os animais se alimentam de diversos modos
- 4 — Os animais vivem em lugares diferentes
- 5 — Alguns animais são criados em casa, nos quintais ou fazendas
- 6 — Muitos animais vivem nas florestas
- 7 — Alguns animais cuidam de seus filhotes

B — ATITUDES

- 1 — Respeito e valorização dos animais
- 2 — Interêsse em proteger os animais úteis
- 3 — Responsabilidade em trazer de casa informações ou outros materiais que tenham sido pedidos pela professora ou pelo grupo.

C — HABILIDADES

- 1 — Procurar informações em casa, com pessoas conhecidas, ou em livros e revistas
- 2 — Compartilhar informações
- 3 — Relatar experiências vividas
- 4 — Planejar atividades com a professora
- 5 — Trabalhar independentemente (desenho, pintura, modelagem)
- 6 — Resolver pequenos problemas
- 7 — Observar animais diversos
- 8 — Discutir
- 9 — Cuidar e proteger animais, na escola e no lar
- 10 — Selecionar material referente ao assunto (gravura, ninhos, casinhas de João-de-barro, etc.).

II — INICIAÇÃO

A — SUGESTÃO DE ATIVIDADES QUE PODEM ser usadas na iniciação da unidade:

- 1 — Arranjo da sala
- 2 — Hora de novidades
- 3 — Discussão
- 4 — Filme sobre animais
- 5 — Dramatização
- 6 — Excursão a um local onde as crianças possam observar animais diversos: sítio ou fazenda, parque, circo, jardim zoológico, etc.

B — ATIVIDADE ESCOLHIDA

Arranjo da sala

Objetivo da iniciação:

— Despertar a classe para a unidade que será desenvolvida.

A professora arranjará a sala de maneira sugestiva e agradável utilizando material adequado, que desperte o interêsse das crianças para o assunto "Animais".

Este arranjo deverá constar de:

- 1 — Animais vivos (pássaros, coelhos, cri-sálidas, aquário com peixinhos ou girinos, etc.).
- 2 — Cartazes e gravuras representando animais.
- 3 — Revistas e livros ou outro material que atenda ao interêsse, desperte a atenção da criança de 1.ª série e esteja dentro de sua compreensão.

III — DESENVOLVIMENTO DA UNIDADE

1.ª aula

ATIVIDADES

1 — Observada a reação das crianças diante do arranjo da sala, e percebendo sua curiosidade em relação ao material, a professora dará liberdade para que a classe o explore bastante, manipulando-o, mostrando-o uns aos outros, trocando idéias a respeito, narrando suas experiências. A tudo, porém, estará atenta e vigilante, aproveitando a oportunidade para a formação de bons hábitos, atitudes e habilidades, desde a 1.ª aula.

2 — Conversa informal

Dispondo, primeiro, as crianças em semicírculo, a professora iniciará uma conversa com elas, para que digam o que observaram, se gostaram do arranjo da sala, o que mais lhes agradou, procurando, enfim, sondar suas experiências a respeito dos animais. Aproveitando ainda a ocasião, procurará, com habilidade fazer com que todos falem desembaraçadamente, provocando os mais tímidos, para que dêem também sua opinião, ao mesmo tempo levando os mais falantes a não se manifestarem a cada momento. Não perderá também a oportunidade para desenvolver a linguagem oral da criança, corrigindo seus erros de pronúncia e concordância.

3 — Levantamento de problemas sobre o assunto:

A professora anotará no quadro, ou em cartaz (podendo usar para isso papel manilha, folhas do "Minas Gerais", etc.) os problemas surgidos e que deverão ser solucionados no decorrer do estudo, através de várias atividades. Neste levantamento de problemas, a professora levará a classe a fazer algumas perguntas que dêem motivo para o estudo, tais como:

- Como são os animais?
- Onde vivem?
- O que comem?
- Como se defendem?
- Como vão de um lugar para outro?
- Todos os animais são criados em casa?

A professora não deve afligir-se, caso não surjam perguntas. Sem dúvida elas aparecerão no decorrer do trabalho.



4 — Ao final da aula, a professora encarregará duas crianças de trazerem na próxima aula, dois animaizinhos para serem apresentados na hora de surpresas, dando oportunidade a uma observação dirigida.

2.ª aula

- A — ASSUNTO: Há muitas espécies de animais.
- B — OBJETIVO: ampliar o conceito de que há muitas espécies de animais e fixá-lo.
- C — ATIVIDADE: observação dirigida.
- D — MOTIVAÇÃO: pela própria apresentação da surpresa prevista na aula anterior.
- E — DESENVOLVIMENTO

Encaminhar a observação da classe para os pontos essenciais: semelhanças e diferenças entre os animais (porquinho-da-Índia e periquito australiano) estabelecendo relações entre eles e outros animais.

A observação, que deve ser dirigida pela professora, abordará os seguintes aspectos:

- 1 — Forma do corpo
 - Os dois animaizinhos têm corpos iguais?
 - Como é o corpo do porquinho?
 - E do periquito?
 - Todos os animais têm a forma igual à destes que vocês viram?
- 2 — Tamanho
 - Eles têm o mesmo tamanho? Qual é o maior? E o menor?
 - Vocês conhecem outros animais que sejam maiores que o porquinho? E menores? Quais?
- 3 — Cobertura (proteção)
 - Como é coberto o corpo do porquinho? É igual ao do periquito?
 - Há animais que tenham o corpo coberto de outros modos?
 - Como são eles?
 - E o nosso corpo, como é coberto?
- 4 — Número de patas
 - Observem as patinhas destes dois animais.
 - Eles têm o mesmo número de patas?
 - Qual tem mais?

- Vocês conhecem animais que têm mais patas do que estes?
- E de menos?
- E o homem tem patinhas também?
- Alguém sabe o nome que damos aos animais que têm quatro patas?
- E aos que têm duas?

5 — Locomoção

- Vocês observaram como estes animais caminham?
- E o homem, como se locomove?
- Todos os animais se movimentam como estes animaizinhos?
- Vocês conhecem alguns que se movimentam de modo diferente?
- Como eles se chamam? Como se locomovem?

6 — Bôca, bico, dentes

- Olhem agora a bôca do porquinho. É igual à do periquito?
- Que há de diferente?
- Há outros animais que têm a bôca como a do porquinho? Quais?
- E como a do periquitinho? Quais?
- Observem se estes animaizinhos têm dentes. Para que servem?
- E o homem, tem dentes?
- Vocês sabem alguma coisa sobre os dentes dos animais que roem?

7 — Alimentação

- Quem sabe me dizer o que estes animais comem?
- É diferente a alimentação deles?
- Há outros animais que se alimentam de coisas diferentes? Quais?
- E o homem? Como se alimenta?

8 — Olhos, nariz, ouvidos, orelhas

- Estes dois bichinhos têm olhos? São iguais?
- Todos os animais têm olhos iguais aos do periquito ou do porquinho?
- Observem o nariz destes bichinhos. Há alguma diferença?
- Todos os animais têm nariz assim?
- Vocês sabem para que serve o nariz?
- O porquinho e o periquitinho têm ouvidos? E orelhas?
- Há outros animais que têm orelhas como o porquinho?
- E as orelhas do homem são iguais às do porquinho?

9 — Cauda

- Reparem agora se estes dois animaizinhos tem cauda. Vocês conhecem animais com caudas diferentes?
- Como são estes outros tipos de caudas?

10 — Onde vivem

- Onde vivem estes animaizinhos?
- Há animais que vivem em lugares diferentes?

11 — Como cuidam dos filhotes

- Estes animaizinhos cuidam de seus filhotes?
- Vocês sabem como?
- Todos os animais cuidam dos filhotes?
- E os pais, também cuidam de seus filhinhos?

F — AVALIAÇÃO

Ao término da observação dirigida, a professora escreverá no quadro ou em cartaz o que as crianças ditarem, acerca do que aprenderam sobre os animais. Elas deverão chegar a algumas generalizações como:

- 1 — Há diversas espécies de animais
- 2 — Os animais são diferentes quanto a:

forma
tamanho
cobertura
alimentação

As dúvidas poderão ficar para serem pesquisadas ou observadas posteriormente. Por exemplo: como cuidam de seus filhotes? Para verificar isto, as crianças vão observar os animais em suas casas.

G — ATIVIDADES CORRELACIONADAS

LINGUAGEM

- 1 — Linguagem oral
 - “Hora de surpresa”: apresentação dos animaizinhos para serem observados.
- 2 — Leitura
 - Sugestão: “O porquinho Xodó”

Xodó era um porquinho que não gostava de tomar banho.

Um dia, o patinho, amiguinho de Xodó, encontrou-se com o pintinho e disse-lhe:

- *Pintinho, vamos dar um banho no porquinho Xodó?*
- *Você busca o sabão em pó.*
Eu faço espuma na lagoa.
A lagoa vai ficar branquinha, branquinha... Xodó vai gostar! Você não acha, pintinho?
- *Acho, sim!*
E o pintinho foi correndo buscar o sabão.
O patinho fez espuma na lagoa, batendo suas patinhas.
O patinho correu e chamou Xodó.
Xodó viu a lagoa tão bonita!
Ele caiu logo nágua...
- *Cuim, cuim, cuim! Que água fria!*
Xodó gostou muito do banho que ele tomou!

Observação: esta aula de leitura deverá seguir os passos habituais de uma aula de leitura.

- 3 — Ortografia
Treino de palavras da leitura sobre Xodó, que constituem dificuldades ortográficas para as crianças.
- 4 — Composição
"O banho do porquinho"
(Seguir os passos de uma aula de composição)
- 5 — Hora de história
"A tartaruga infeliz" — tradução e adaptação de Terezinha Casasanta. publicada em "Criança e Escola", n° 4/5, de 1964.
O Programa de Ensino traz sugestões de outras histórias que poderão ser contadas, à página 80

MATEMÁTICA

Cálculos orais:

- 1 — Na casa de Carlinhos há 5 porquinhos e 3 periquitinhos. Quantos animaizinhos há ao todo?
- 2 — No aquário da classe havia 6 peixinhos. Quatro eram vermelhinhos e os outros eram amarelos. Quantos peixinhos amarelos havia?

ARTE, TRABALHO E VIDA

- 1 — Início da confecção de um álbum ilustrado.
- 2 — Desenhos ilustrando cenas das histórias contadas ou das composições feitas.

PARA CASA

- 1 — Procurar gravuras de animais (pássaros, peixes, insetos, etc.)
- 2 — Indagar dos pais, irmãos, pessoas conhecidas, "como os animais se locomovem", para discutir a respeito, em classe.

OUTRAS ATIVIDADES

- 1 — Excursões a locais onde animais diversos possam ser observados: sítio, circo, parques, zoológico.
- 2 — Observar gravuras de aves, animais mamíferos, peixes, etc.
- 3 — Manter girinos na sala, observando sua metamorfose, e anotar as observações. organizando um álbum ilustrado: "A vida do sapinho".

3.ª aula

- A — Assunto: "Os animais se alimentam de diversos modos"
- B — Objetivos:
- 1 — Formar o conceito de que os animais se alimentam de maneiras diferentes
 - 2 — Formar habilidades em leitura específica
- C — Atividade: Leitura Informativa

OS ANIMAIS

(Do 1º livro de Pedrinho, pág. 74)

Tio Damião abriu um livro cheio de figuras. E falou dos animais que vivem na terra e dos animais que vivem na água.

Mostrou também que há animais com o corpo coberto de pêlo, como os leões, os bois, os gatos. E outros, com o corpo coberto de escamas, como a maioria dos peixes e das cobras.

Alguns animais, quando pequeninos, mamam. Outros, desde pequenos, procuram por si os alimentos para matar a sua fome. Uns animais têm ossos e outros não tem.

— E que comem os animais? perguntou o Zezinho.

— Muitos comem outros animais, menores do que eles. Comem carne e por isso são chamados carnívoros. Outros comem ervas e por isso são chamados herbívoros. Ainda outros comem também insetos e frutos. Um pouco de tudo...

— Então, esses devem ser chamados comilões! disse o Zezinho.

Há animais que vivem em nossa casa ou nas proximidades dela, perto dela. Estes animais são domésticos. Outros só vivem nas matas ou nas selvas. Esses animais são selvagens.

Aos animais que temos em casa devemos tratar bem. Os animais sentem dor como nós. Quem maltrata animais domésticos, dá prova de mau coração.

- 1 — Motivação da leitura:

Conversa com a classe:

- Encontrei um trecho muito interessante sobre o assunto que estamos estudando — ANIMAIS — e trouxe para vocês lerem.
(Distribuição das folhas mimeografadas)

2 — Desenvolvimento

a) Preparação

- Estudo do vocabulário: carnívoro, maioria, ervas, comilões.
- Treino do vocabulário estudado.

b) Leitura dirigida

Encaminhar a leitura silenciosa através de perguntas de direção, escritas no quadro, em cartaz, ou feitas diretamente em voz alta:

- Onde vivem os animais?
- Como é coberto o corpo dos animais?

Que comem os animais?

c) Leitura silenciosa, procurando respostas para as perguntas formuladas.

d) Leitura oral

- Leiam o pedacinho que nos conta como é coberto o corpo dos leões, dos bois, dos gatos.
- Leiam o pedacinho que nos conta quando é que alguns animais mamam.
- Porque os animais procuram alimento? Leia você, Fulano, o pedacinho que nos diz isso.
- Leiam o pedacinho que fala sobre os animais herbívoros.

e) Comentário oral da leitura, especialmente do trecho que se refere à alimentação dos animais.

f) Avaliação

- Como fizemos nossa leitura?
- Lemos com expressão?
- Observamos a pontuação?
- Foi bom nosso tom de voz?
- Pronunciamos corretamente as palavras?

3 — Atividades decorrentes da leitura

Conversa com as crianças sobre os diversos modos de alimentação dos animais.

A professora procura sondar outras experiências das crianças, a fim de ampliar o conceito que elas adquiriram através da leitura e dos comentários.

CANTO

Ensinar às crianças:

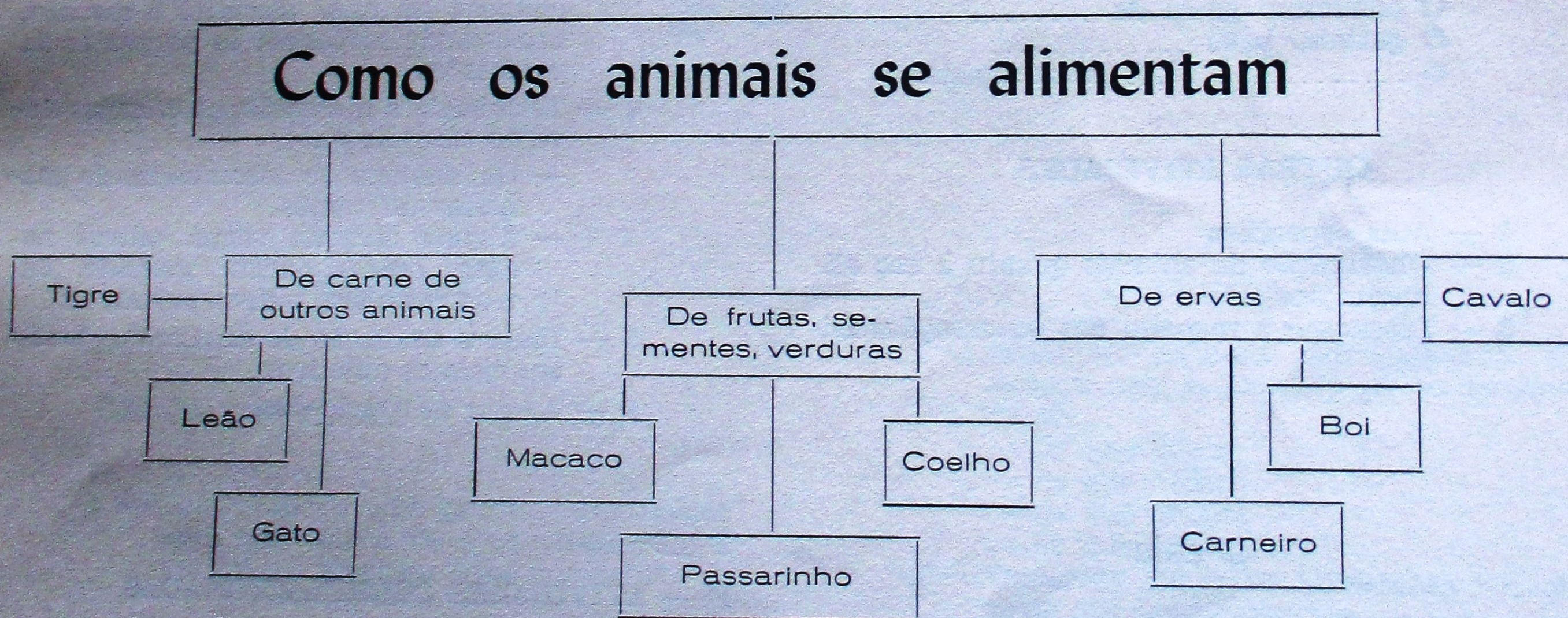
“O jumento orneja
Quer comer capim
Se não come logo
Ele faz assim:
Hi-ho, hi-ho, hi-ho!”

ARTE, TRABALHO E VIDA

Construir com as crianças um mural sobre as diferentes maneiras como se alimentam os animais. Para esse mural, serão aproveitadas as gravuras colecionadas pelas crianças além de outras trazidas pela própria professora.

Feito o mural, poder-se-á discutir e apontar os animais que mamam quando pequenos.

O mural poderá ser assim:



PLANEJAMENTO COOPERATIVO

A professora, com as crianças, planejará uma entrevista com algum caçador ou pessoa que tenha bastante relação com os animais, para que conte à classe “onde eles vivem”. Neste planejamento, serão considerados os seguintes aspectos:

- Definir claramente os objetivos da atividade.
- Escolher o entrevistado, lançando sugestões e aceitando as da criança. Se as crianças não tiveram sugestões, a professora, que poderá já ter conversado com alguém a respeito, dará a sua.

- Escrever uma cartinha, ir em grupo, pessoalmente, fazer o convite, ou, no caso de pessoa mais íntima, dar-lhe um telefonema.
- Encaminhar a classe a formular as perguntas que desejam fazer ao entrevistado.
- Enviar-lhe as perguntas com antecedência.
- Marcar, previamente, data e horário da entrevista.
- Estabelecer normas de conduta (durante a entrevista: como nos vamos comportar?)
- Distribuir responsabilidades (quem vai receber

o entrevistado, oferecer-lhe cadeira, agradecer, levá-lo até à porta de saída, etc.).

Nota: Este planejamento poderá ser feito em cartaz e colocado à frente da classe.

NOSSA ENTREVISTA

Nós vamos entrevistar o Sr.
A entrevista será no dia... de..... àshoras.
Nós queremos saber:

- Onde vivem os animais?
- Como se abrigam da chuva?
- Como se defendem dos perigos?
- O senhor gosta de caçar?
- Como o senhor caça (ou pesca) os animais?

Nós vamos:

- Prestar atenção
- Ficar caladinhos
- Levantar a mão antes de falar
- Agradecer ao Sr.

PARA CASA

1 — Completar:

- O leão come
- gosta de bananas.
- O coelhinho gosta de
- O gatinho bebe
- come alpiste.

OUTRAS ATIVIDADES

- 1 — Aula específica
- 2 — Observação de animais quanto à sua alimentação
- 3 — Discussão a respeito das observações feitas.

4.ª aula

A — ASSUNTO:

“Os animais se locomovem de maneiras diversas”.

B — OBJETIVOS:

- 1 — Levar a classe a adquirir o conceito de que os animais se locomovem de diferentes maneiras.
- 2 — Levar a classe a formar bons hábitos de discussão.

C — ATIVIDADE:

Discussão

D — MOTIVAÇÃO:

A professora pedirá às crianças que mostrem as gravuras obtidas em casa. A seguir, conversará a respeito das gravuras, motivando as crianças para a discussão que se realizará a seguir.

E — DESENVOLVIMENTO:

- 1 — Colocar as crianças em semi-círculo.
- 2 — Perguntas pela professora:
 - Todos os animais se locomovem do mesmo modo?
 - O peixe se locomove como o pássaro?A professora continuará lançando outras perguntas, encaminhando as crianças para a discussão
- 3 — A classe, baseando-se nas informações colhidas em casa, discutirá o assunto, procurando responder às perguntas da professora
- 4 — Terminada a discussão, as crianças deverão concluir que:
 - Os animais se locomovem de maneiras diferentes.
 - Alguns animais voam, outros nadam, outros andam somente, outros rastejam, outros pulam, etc.
- 5 — Fazer a avaliação da discussão, tendo em vista os objetivos.
- 6 — Anotar as conclusões.

F — ATIVIDADES CORRELACIONADAS

LINGUAGEM

- 1 — Composição criadora
Sugestão de títulos:
 - O peixinho dourado
 - O pintinho teimoso
 - O passeio do porquinho
- 2 — Ortografia
Treino de palavras novas surgidas:
 - na discussão
 - na composição



MATEMÁTICA

Cálculos orais:

- 1 — João colocou uma galinha para chocar com uma dúzia de ovos. Nasceram 6 pintinhos. Quantos ovos goraram?
- 2 — Represente o conjunto total de ovos e separe-os em dois subconjuntos, no seu caderno.
- 3 — No viveiro de Carlinhos, há 3 canarinhos, 4 sabiás e 2 pintassilgos. Quantos passarinhos há ao todo?

(Observação: a professora deverá dar também outros problemas em que não faça referência a animais, para não forçar a correlação.)

PARA CASA

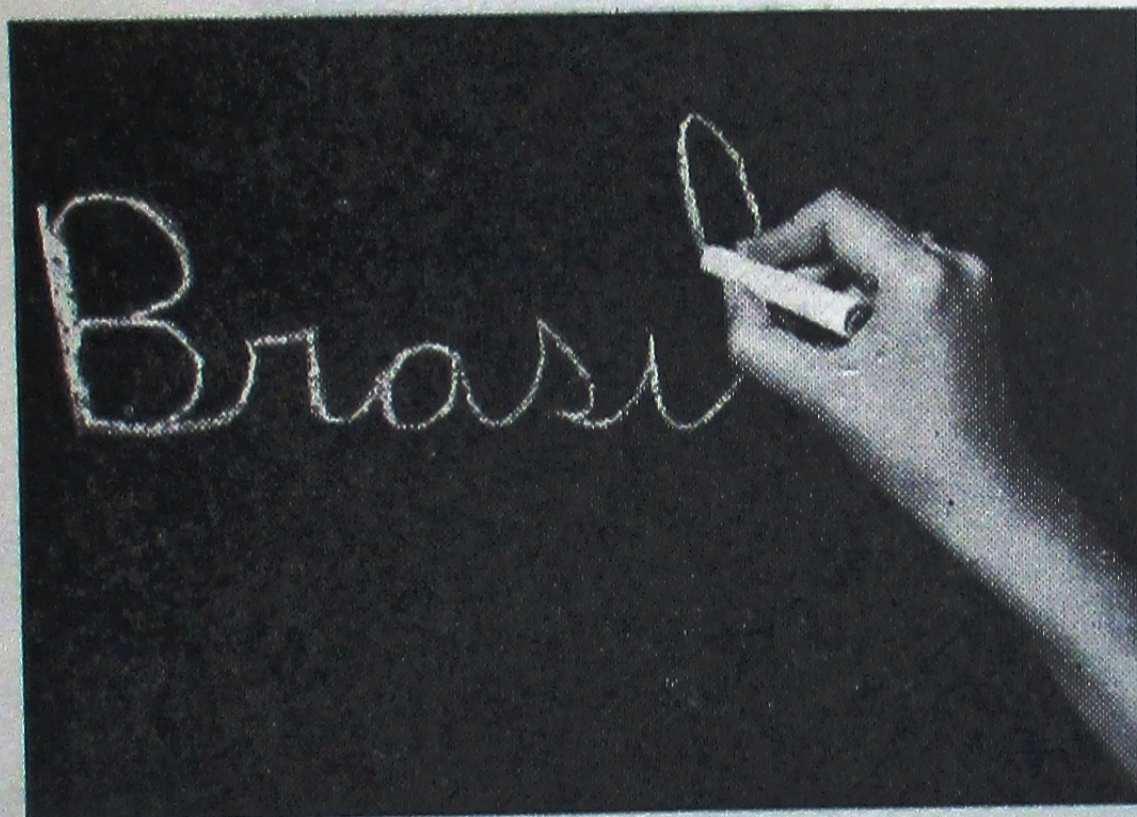
- 1 — Desenhar animais, agrupando-os de acôrdo com a maneira de se locomoverem:
 - os que voam
 - os que nadam
 - os que andam
 - os que pulam
- 2 — Observar como se alimentam os animais que temos em casa.

OUTRAS ATIVIDADES

- 1 — Observar diferentes animais para ver como se movimentam
- 2 — Fazer cartazes e desenhos sôbre animais observados, agrupando-os de acôrdo com a maneira como se movem.
- 3 — Dramatização de uma história contada, dando oportunidade as crianças de escolherem o personagem que desejam representar.

(Continua no próximo número)

**êste anúncio
é dirigido à mulher
que tornou possível
a leitura de
todos os anúncios:**



a professôra.

Diante dos olhos deslumbrados da criança, a Professôra risca no quadro-negro os primeiros sinais da cultura: as letras do alfabeto. Nasce a palavra escrita. A Professôra lança novos riscos de giz: 2 mais 2 ? 4 mais 4 ? Revelam-se os números. Já a criança sabe ler, escrever, fazer contas. Mas, desconhece quem descobriu o Brasil. O que é uma península. Como as

plantas respiram. A Professôra continua escrevendo no quadro-negro. Nascem bandeirantes e poetas, cidades e rios, nobres exemplos para imitar, idéias para germinar. Todos os dias de todos os anos a cena se repete. Começa ali, pelas mãos da professôra primária, o infinito caminho da cultura. Sem ela, não haveria leitores. Nem revistas. Nem livros. Nem êste anúncio.





abril cultural lança livros didáticos nas bancas

Aqui está nossa contribuição ao trabalho das professoras primárias. Nossa participação no esforço das Autoridades ligadas ao ensino. Nosso apoio ao interesse dos pais pela educação dos filhos. Aqui estão os livros didáticos da Abril Cultural. Foi um longo trabalho. Pesquisamos a opinião de pais e mestres. Formamos uma grande equipe de autores, redatores, desenhistas, orientadores educacionais. Voltamos a pesquisar.

Modificamos. Melhoramos. Fizemos mais: empenhamos todos os nossos recursos para romper o tabu dos preços altos em livros escolares. E conseguimos. Será fácil comprar estes livros: custam pouco, muito pouco. Será fácil encontrá-los: estão à venda em qualquer banca de jornais e revistas de todo o Brasil. E será fácil entender nossa alegria com este lançamento: também fomos alunos, também somos pais.

COLEÇÃO "ALEGRIA DE LER"

Já nas bancas: Pré-Livro, 2.º, 3.º e 4.º Livros. (O 1.º Livro, para o segundo semestre, estará nas bancas em Agosto). Todos ricamente ilustrados e multicoloridos.

GRÁTIS: "Apêndice de Exercícios" para os alunos.

GRÁTIS: "Manual de Instruções para Professôras", com sugestões e roteiros de aulas.

GRÁTIS: Ao comprar o Pré-Livro, a Professôra recebe ainda um jôgo de 8 cartazes de alfabetização coloridos.

SÉRIE DE "MATEMÁTICA MODERNA"

Já nas bancas: "Cartilha de Matemática", para o Pré e 1.º ano. Um livro delicioso, para início do ensino da Matemática antes mesmo da criança estar alfabetizada.

GRÁTIS: Apêndice com material colorido, para a criança recortar e colar.

GRÁTIS: "Manual de Instruções para Professôras"

Em Abril, estará nas bancas: "O Problema ainda é Seu" (Frações Ordinárias para alunos de 3.ª e 4.ª séries), bem como o livro correspondente para as Professôras. Em Maio, "O Problema é Seu" (para alunos de 1.ª e 2.ª séries) e o respectivo livro para as Professôras.

SÉRIE DE "CIÊNCIAS"

Já nas bancas: "Novas Aventuras no Mundo das Ciências", para o 2.º ano e "A Natureza é Assim", para o 3.º ano (o livro para o 1.º ano sairá em agosto.)

O aluno "participa" destes livros, pois desenha, recorta e cola, experimentando tôdas as noções, apresentadas em ilustrações espetaculares.

GRÁTIS: "Manual de Instruções para Professôras"

SÉRIE DE "HIGIENE E SAÚDE"

Inédita! Pela primeira vez, o tema é tratado em separado, conforme o nôvo programa.

Já nas bancas: "Saúde para Dar e Vender", para o 2.º ano; "Barra Limpa", para o 3.º ano.

"Água e Sabão, Doença Não", para o 1.º ano, sairá em Agosto.

GRÁTIS: "Manual de Instruções para Professôras"

SÉRIE DE "ESTUDOS SOCIAIS"

Inédito: pela primeira vez, a matéria de Estudos Sociais é apresentada como tal.

Já nas bancas: "A Terra da Gente", para 1.ª e 2.ª séries. O "Pré-Livro de Estudos Sociais", para o 1.º ano, sairá em Agosto.

GRÁTIS: "Apêndice de Exercícios", com material para desenhar, recortar, colar.

GRÁTIS: "Manual de Instruções para Professôras"

Em Abril, estará nas bancas "Isto é Brasil" (Atlas, para 3.º e 4.º anos primários, válido também para cursos de admissão). Não é uma simples coleção de mapas.

É uma interpretação geográfica do Brasil, com 16 mapas multicoloridos, desde Relêvo até Clima e População.

GRÁTIS: "Manual de Instruções para Professôras"

DESCONTO ESPECIAL: As Professôras primárias têm direito a 50% de desconto na compra de seus livros. A Abril Cultural já enviou material informativo às Professôras de todo o Brasil, incluindo êsses Vales de Desconto, que devem ser entregues ao jornalista mais próximo das respectivas escolas no ato da compra.

Os livros didáticos da Abril Cultural estão à venda

EM QUALQUER BANCA DE JORNAIS E REVISTAS DE TODO O BRASIL

U M M Á R T I R

Julia Lopes de Almeida

Em uma noite do ano de 1789, passavam dois homens pela estrada enluarada e deserta que ia do Pombal para a vila de São João del-Rei. Um era um sacerdote, como bem o diziam as suas vestes longas e escuras. O outro era um moço mineiro, de olhar sonhador e fronte altiva.

— Mais prudência, Joaquim! aconselhava o padre. Você é demasiado impetuoso... Estas coisas não se fazem de assalto!

— Reverendo e amigo: a República é a Liberdade e a Liberdade é a aspiração de todos os brasileiros. O bem que o Reino nos fez, já lho pagamos. Se a nossa capitania, tão arruinada, lhe satisfizer a voracidade com as setecentas arrobas de ouro que êle exige, a que tristeza e desalento nos entregaremos todos?

E apontando para a imensidade dos campos, continuava o moço:

— Esta terra, padre! Tôda ela é fértil, tôda ela reclama braços de filhos livres e amorosos, que lhe rasguem o solo, que a tornem uma grande pátria, bendita e forte. O Reino está muito longe!

— Mas é poderoso!

— Nós também o seremos. Vós, que sois ministro de Deus, não podeis desdenhar meu ideal!

— Nada desdenho, mas temo pela tua sorte. Falas neste ideal, como todos os sonhadores, sem escolha de lugar, nem de auditório. Como és puro, não temes que possa haver traição. Entretanto já chegou aos ouvidos do Visconde de Barbacena o teu nome, como sendo o cabeça da conjuração. Falas a tôda gente sem reserva, nos pousos das estradas, nas ruas da cidade, nos adros das igrejas, até nos pátios dos palácios. A tua palavra vibra por tôda a parte com igual veemência!

— Sou sincero.

— Mas isso não é de político; é de doido. No teu grupo estão muitos homens: militares, padres, magistrados, e empregados públicos. Mas ninguém cita tais nomes; por aí diz-se que tudo é obra do Tiradentes, animado pelas notícias da revolução de França!

— Seja! Não serei eu quem os denuncie. Parto amanhã para o Rio. Seguirei o meu destino.

Dois anos depois, o bom padre caminhava silenciosamente para a sua branca ermida, de madrugada, à luz das últimas estrêlas. Era a hora da missa das almas.

Com lágrimas escorrendo pela enrugada face o sacerdote ofereceu aquela missa por alma do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes que, por um decreto de D. Maria I, fôra executado na cidade do Rio de Janeiro, tendo a sua cabeça de mártir erguida ainda em um alto poste, como exemplo às turbas. Seus companheiros, que haviam sido indultados da pena última, seguiram desterrados para a África ou para Lisboa.

Só êle, dentre todos, pagara com o sangue o arrôjo de querer a Pátria livre!



É sempre interessante aproveitarmos as datas cívicas ou festivas que transcorrem em certa época, relacionando-as aos trabalhos cotidianos da classe.

Uma atividade que pode ser facilmente organizada pela professora é o plano de leitura sobre o assunto do mês ou sobre passagens interessantes e menos conhecidas da vida dos personagens envolvidos em tais acontecimentos.

Neste número de AMAE Educando selecionamos alguns trechos sobre fatos e vultos da Inconfidência Mineira.

Dêstes escolhemos o que se segue — UM MÁRTIR — de Júlia Lopes de Almeida, para o qual apresentaremos um plano de leitura que poderá ser utilizado pelo professor de 4.ª série.

Sugerimos, ainda, a leitura do artigo "Um plano... uma leitura de Bilac", publicado em AMAE Educado n.º 5, de maio/1968 — onde procuramos explicar e justificar cada um dos passos do plano de aula.

I — OBJETIVOS

- A — Desenvolver a habilidade de ler silenciosamente para conhecer as idéias principais do texto.
- B — Desenvolver a habilidade de julgar o caráter do personagem principal pelos detalhes da narrativa.
- C — Enriquecer o vocabulário, através do estudo de algumas palavras.

II — ATIVIDADES

A — Preparação

1 -- INTRODUÇÃO

Aproveitando a proximidade das comemorações do "21 de abril", o professor conversará com a classe sobre a figura de Tiradentes, procurando focalizar nêstes comentários suas qualidades de caráter e seu ideal nativista e salientando também as atitudes tomadas pelo herói, antes, durante e após seu julgamento.

2 — MOTIVAÇÃO

A eficiência da leitura depende do motivo, da finalidade para que é feita. Sendo assim, a professora deverá deixar bem claro êste motivo:

— Vamos ler algo sobre um personagem de nossa história, para verificar o quanto êle gostava do Brasil?

Ou:

— Vamos tentar descobrir através da leitura dêste trecho o que as pessoas da época pensavam sobre Tiradentes?

Sônia Fiuza da Rocha Castilho

3 — RESOLUÇÃO DE DIFICULDADES

Na 3.ª ou 4.ª série já não haverá, provavelmente, dificuldades em relação à pronúncia. Porém, como o desenvolvimento do vocabulário se faz necessário, podem aparecer na leitura muitas palavras de significado mais difícil. Tais palavras deverão ser apresentadas previamente à classe, quer no quadro, quer em fichas.

É verdade que o professor sentirá dificuldade em determinar com absoluta certeza quais as palavras que realmente causarão problema à interpretação do texto. Mas, as palavras que julgar mais difíceis, serão apresentadas dentro das mesmas expressões que apareçam na leitura:

Estas coisas não se fazem *de assalto*

Não podeis *desdenhar* meu ideal

Pena última

Se porventura, as crianças encontrarem outras dificuldades, estas serão resolvidas através do uso do dicionário, durante a leitura silenciosa.

4 — ENTREGA DO MATERIAL

O texto, tendo sido previamente mimeografado em folhas, será, neste momento, distribuído aos alunos.

5 — ADVERTÊNCIAS QUANTO AOS HÁBITOS DE LEITURA

Antes de iniciar o trabalho propriamente dito, é importante que a classe seja lembrada dos hábitos que deve reforçar e conservar:

— Vamos procurar ler silenciosamente, apenas com os olhos, sem mexer com os lábios.

Vamos colocar a folha a uma distância adequada, nem muito perto, nem muito distante do nosso rosto.

B — Desenvolvimento

1 — REFÔRÇO DA MOTIVAÇÃO

Uma pergunta, neste momento, renovará o interesse da classe:

— Vamos verificar quais as qualidades humanas que Tiradentes possuía?

2 — LEITURA SILENCIOSA

Algumas perguntas serão escritas no quadro para orientar o pensamento das crianças em direção aos pontos mais importantes do trecho.

A classe deverá verificar se as respostas obtidas correspondem às idéias principais contidas na narrativa.

Perguntas que poderão ser formuladas:

- Quais os argumentos de Tiradentes para justificar a conjuração?
- Por que o sacerdote temia pela sorte do conjurado?
- Qual a reação de Tiradentes às ponderações de seu amigo?
- Quais as qualidades do caráter de Tiradentes que podemos perceber pelo texto?
- Por que, ao celebrar a missa dois anos mais tarde, o sacerdote chorava?

Durante a leitura silenciosa, as crianças poderão consultar o dicionário para descobrir o significado de palavras que não compreendam.

Uma atividade interessante para incorporar o sentido destas palavras à sua linguagem habitual, será substituí-las pelo sinônimo encontrado.

- És demasiado *impetuoso*...
- A Liberdade é a *aspiração*...
- *Temo* pela tua sorte...
- Sendo o *cabeça* da conjuração...
- Com igual *veemência*...
- Seus companheiros haviam sido *indultados*...

3 — COMENTÁRIO

O professor poderá retomar as perguntas indicadas nos itens anteriores e, através delas, procura verificar se o texto foi bem compreendido.

Outras perguntas poderão ser lançadas como motivação para a leitura em voz alta.

4 — ESTUDO DA LIÇÃO

Como o trecho é curto, este passo pode ser realizado em pouco tempo, apenas com o fim de preparar cada aluno para o que será feito a seguir.

5 — LEITURA EM VOZ ALTA

O professor fará perguntas aos alunos individualmente, solicitando a cada um a leitura de um trecho:

— Procure no texto o parágrafo que caracteriza os dois personagens. Leia-o para a classe.

— Leia o trecho que nos mostra como Tiradentes estava revoltado contra o domínio português.

— Por que o padre temia pela sorte de seu amigo? Leia o pedaço da lição que nos fala sobre isso.

— Qual a advertência feita pelo padre a Tiradentes? Leia o trecho que narra este fato.

— Leia o desfêcho da história.

Outra sugestão:

Como a leitura é toda dialogada, três crianças poderão ser escolhidas para fazerem uma leitura alternada: a primeira criança lerá os trechos puramente narrativos, a segunda lerá as falas de Tiradentes e a terceira fará a parte do sacerdote.

C — Atividades relacionadas

1 — PARA ENRIQUECIMENTO DO VOCABULÁRIO

a — Destacar os sufixos e prefixos das palavras:

arruinada
desterrados
enluarada
enrugada

b — Procurar o significado do sufixo OSO, relacionando-o com a palavra primitiva:

ImpetuOSO — amorOSOS — poderOSO.

c — Procurar derivados das palavras grifadas que se apliquem às seguintes expressões:

vestes

- conjunto de vestes:
- ato de colocar as vestes:
- contrário de despido:

campo

- habitante do campo
- permanecer no campo:
- (em barraca)
- vegetação própria do campo:

sincero

- de maneira sincera:
- pessoa que não é sincera:
- traço de caráter de quem é sincero:

d — Procurar os diferentes sentidos dados na nossa língua às palavras:

cabeça

sorte

estrêla

2 — PARA APLICAÇÃO DA GRAMÁTICA FUNCIONAL

a — Procurar no penúltimo parágrafo:

- um substantivo coletivo
- dois substantivos próprios
- dois substantivos comuns femininos

b — Procurar no texto os adjetivos que correspondem às seguintes expressões:

- estrada onde não há ninguém
- olhar repleto de sonhos
- face marcada pelas rugas

c — Relacionar os numerais encontrados na leitura

d — Analisar:

- Em uma noite do ano de 1789, passeavam dois homens pela estrada enluarada e deserta.
- A tua palavra vibra por toda a parte com igual veemência.
- Já chegou aos ouvidos do Visconde de Barbacena o teu nome.
- Dois anos depois, o bom padre caminhava silenciosamente para a sua branca ermida, de madrugada, à luz das últimas estrêlas.

3 — PARA APLICAÇÃO DAS IDEIAS ADQUIRIDAS

a — Dramatização espontânea

Como o texto é bastante dialogado, presta-se muito a uma dramatização. Duas crianças se encarregarão de representar o papel dos personagens históricos.

Os diálogos deverão ser espontâneos, na linguagem habitual da criança, o que será mais uma atividade para treino e desenvolvimento da linguagem oral.

Após a dramatização, a classe poderá fazer a crítica do trabalho.

b — Outras leituras

Aproveitando a motivação, o professor indicará outros livros onde as crianças terão oportunidade de ler episódios interessantes, às vezes pouco conhecidos, sobre a Inconfidência Mineira.

Sugestões:

- Corrêa, Viriato — História do Brasil para Crianças — Cia. Editôra Nacional — São Paulo.
- Góis, Carlos — Histórias da Terra Mineira.

— Santos, Teobaldo M. — Minas Gerais — Editôra do Brasil.

c — Enriquecimento de biblioteca

O professor pode levar a classe a coletar material informativo colhido durante a Semana da Inconfidência, em jornais, revistas e publicações diversas.

Este material será incorporado à biblioteca de classe, na seção de leituras informativas.

* * *

O enxoval de Marília

Orestes Rosólia

O enxoval era rico e abundante. Delicioso o carinho de noiva que o esmerara. Um perfume suavíssimo se percebia logo ao desdobrar as peças. Marília levava oito vestidos de igreja. No feitio, não se diferenciavam, senão pelos enfeites. Todos êles, segundo a época: a vasquinha (saia balão), o jubão, da côr do entremeio, às vezes mais escuro. Três dos vestidos eram azuis, um de pinhoela, outro de chamalote e o último de tafetá. Dois eram verdes, ambos de sêda. Um prêto, todo coberto de rendas e os dois últimos brancos, também de tafetá, com bordados a ouro.

Cada vestido trazia sapatos e chapéu. Os sapatos, de sola grossa, e salto de poleiro, eram carmesim, de veludo. Havia entre êles duas botinas altas, forradas e franjadas. Os chapéus eram simples, mas encantadores. Marília detestava os exagerados chapéus da época. Apenas um dêles trazia um véu de tafetá. Os outros, uns de veludo, outros de cetim, eram pequenos e mimosos, sem passamanes e fitas.

Como jóias, levava uma infinidade. O tio, no noivado, dera-lhe um par de orelheiras e o pai, um riquíssimo afogador. Gonzaga presenteara-a com uma gargantilha de ouro, tôda guarnecida de pérolas.

Desdobrando os guardanapos de Flandres, os lençóis da Holanda, as fronhas de linho, Marília detinha-se em todos os pormenores com uma satisfação comovente. Chegou mesmo a mostrar um par de chinelinhos que ela mesma bordara. Gonzaga preferia apreciar-lhe o contentamento. E a cada momento de ventura fazia corresponder um receio que lhe vinha à mente sem que êle o quisesse e sem que o pudesse afugentar.

Marília notou-lhe a preocupação dêsses pensamentos e preocupou-se também. Tôda a jovialidade se desfez num instante.

— Delicioso, querida, exclamou Gonzaga para animá-la. Mas... e o vestido de noiva?

Ninguém se lembrara do vestido de noiva. Tia Cláudia sorriu:

— Tanta pressa agora? Vão casar amanhã?

— Mas é logo, tia Cláudia! Talvez dentro de um mês!

— Então, retrucou a tia, temos muito tempo ainda.

— E os bordados? Fará um vestido simples?

— Não, não, interrompeu Gonzaga. Eu prefiro um vestido rico. Não o julgas também, Marília?

— Não, respondeu Marília sorrindo. Titia tem razão. Não há mais tempo. Para um bordado profuso seriam preciso três meses... E há tanta coisa ainda por fazer...

— Pois eu o bordarei! exclamou Gonzaga. E com seu lirismo exaltado, teimou nesse propósito. Dêsse entusiasmo, ninguém o tirou. A ocupação iria entreter-lhe os dias. E, dentro da borrasca que se avizinhava, êle guardou a lembrança boa dêste noivado que o destino se encarregou de desfazer.

Vocabulário

Afogador	— gargantilha, colar.
Carmesim	— roxo escuro.
Jubão	— casaco comprido, o mesmo que jibão.
Orelheiras	— brincos.
Passamanes	— fitas, galões, franjas, cordões.
Pinhoela	— espécie de sêda com partes aveludadas.
Vasquinha	— moda de saia de pregas miúdas usadas nos séculos XVII e XVIII.

(Do livro "Marília, a noiva da Inconfidência")

BÁRBARA

HELIODORA

Carlos Góis

Residia quando solteira na Vila de São João del Rei, sendo dotada de rara inteligência e ilustração. Já nesta época, era exímia poetisa, compondo versos de muita arte e inspiração.

Conhecendo ela o Dr. Inácio de Alvarenga Peixoto, ouvidor, formado pela Universidade de Coimbra e também poeta dêle se enamorou. Alvarenga Peixoto deixa o cargo de ouvidor para dedicar-se à mineração e tão feliz foi que logo se tornou proprietário de fazendas de cultura além de muitas minas de ouro.

Casaram-se em 1778 e com o correr dos anos mudaram-se para São Gonçalo de Campanha. Tiveram uma filha e três filhos.

Sua casa em São Gonçalo era a mais abastada do lugar. Nada ali faltava — ricas baixelas de prata, custosa mobília de talha, cortinas adamasçadas na janela, muitas aias e mucamas para o serviço doméstico, mestres dos mais sábios daquele tempo para instruir e educar os filhos.

D. Bárbara, sem ser soberba nem vaidosa, vivia cercada do maior luxo e comodidade. Seus vestidos eram de sêda e veludo recobertos de jóias e adereços. Aos domingos, ia à igreja ouvir missa transportada em liteira, carregada por escravos.

Em tôda a Capitania, não havia mulher que fôsse mais feliz do que Bárbara Heliadora. Seu marido tratava-a com o máximo carinho, dispensando-lhe a maior afeição. Sua filha mais velha — Maria Ifigênia — de 12 anos de idade era tão linda que a chamavam "Princesa do Brasil". Era uma menina muito prendada: sabia desenhar com perfeição, dançar com graça, bordar e costurar os mais finos trabalhos.

Eis senão quando tôda essa imensa felicidade se dissipou da noite para o dia: Bárbara Heliadora, de mulher mais feliz de Minas, veio a tornar-se a mais desditosa. Só não deixou de ser a mais distinta e valorosa, pela têmpera de seu caráter.

Alvarenga Peixoto, como patriota que era, desejava ardentemente a independência do Brasil. Era tal o despotismo que pesava sobre Minas, determinado pela cobiça da Metrópole, que os mi-

neiros tramaram uma revolução para proclamar a independência.

Não tardou que a conspiração fôsse descoberta. Ordens da Coroa foram enviadas para prender os conjurados e tomar-lhes os bens.

Alvarenga Peixoto soube antecipadamente o que lhe iria suceder. Alarmado com a desgraça que viria atingir sua família, passou-lhe pela cabeça a idéia de salvar-se. Mas, como? Só havia um meio: denunciar os companheiros, meio ilícito e vergonhoso. Mas o seu amor à mulher e aos filhos era tanto que êle não desistiu de seu vil intento. Mas, resolveu aconselhar-se com a espôsa. O que ela dissesse, era o que êle haveria de fazer.

Nesse dia, Alvarenga Peixoto entrou em casa com a fisionomia alterada — estava pálido, trêmulo, agitado. Sua mulher logo pressentiu que alguma coisa de grave se passava.

— Está tudo perdido ! exclamou arrebatadamente Alvarenga. A conjuração foi descoberta. Não tarda que me venham prender. Os nossos bens serão confiscados: ficarás pobre, na miséria. Talvez eu seja condenado à morte: ficarás viúva e nossos filhos, órfãos.

Bárbara Heliadora deixou escapar um grito de terror. Esteve a ponto de desmaiar.

Alvarenga Peixoto, então, com voz sumida, envergonhado de seu covarde pensamento, revelou-o à sua mulher:

— Bárbara, poderei salvar-te e a nossos filhos. A valorosa mineira fitou-o espantada, sem compreender.

E Alvarenga Peixoto, baixando ainda mais a voz, a mêdo, disse:

— Poderei salvar-me e a ti, se denunciar os outros conjurados.

Bárbara tapou o rosto com as mãos, fulminada de vergonha. Olhou para o marido e, de pé, severa, enérgica, imperiosa, exclamou:

— Nunca! Seria uma traição! Prefiro a morte à desonra! Prefiro ver meus bens confiscados, prefiro a miséria, a viuvez, a orfandade para meus filhos, mas quero o teu nome limpo, e a tua me-

Gente grande

Um dia cheio de sol, de crianças, de escadas e, no meio das escadas, uma conversa que eu não devia ouvir — um comentário maldoso:

— *Nunca vi tanta gente que mexe neste Jardim!*

Ouvi e para dentro dei uma resposta mal-criada:

— Mas que desafôro! Pois fique sabendo, minha senhora, que ainda é muito pouco! Bem se vê que a senhora nada entende dêste grande mundo dos pequenos!

Zangada ainda, continuei meu caminho, tentando agora invalidar o comentário. Pensei:

«QUE PAPEL TEM O ADULTO EM SE TRATANDO DA SEGURANÇA FÍSICA DA CRIANÇA?»

Ora, cabe à escola e aquêles que lidam com crianças preocupar-se com a saúde e bem-estar de seus matriculados. Uma descoberta precoce de debilidade física ou deficiência é importante para que medidas reparadoras possam ser tomadas ou planejadas. Depois, é importante também alertar os pais para a compreensão do que pode ser feito para melhorar o bem-estar físico de seus filhos, quando se trata, por exemplo, de u'a muda de dentes precoce, ou de sintomas de obesidade, ou de defeitos de linguagem, ou ainda de um andar torto.

Muitos males poderão ser sanados desde que os pais estejam bem informados. Também o Jardim contribuirá para isto, desde que tenha em seus arquivos a ficha-histórico da criança. Ela relata um sem-número de coisas sôbre a saúde

do educando, antes de êle vir para a escola. E sabemos que é necessário conhecer e interpretar êste ser único e às vêzes, tão imprevisível.

Embora a **PROFESSORA, A ENFERMEIRA, E O MÉDICO** escolar tenham por obrigação observar qualquer problema físico que o aluno aparente, o tratamento efetivo é, naturalmente, da responsabilidade do médico da família.

Outra importante contribuição que a professora jardineira pode emprestar é manter-se sempre a par das doenças características da primeira infância. Às vêzes, ela será alertada por uma conversa de crianças:

— *Meu irmãozinho, desde ontem, está todo manchado de vermelho!*

Ouvindo isto, a professora deverá conversar com a mãe da menina e, em certos casos, afastá-la das aulas por uns dias, a fim de preservar a saúde da classe.

Também os **PAIS** quando sentissem seu filho febril ou com algum distúrbio intestinal, deveriam auxiliar a professora no sentido de não enviar o filho à escola.

Quanto às **AUTORIDADES**, precisariam compreender que sua ajuda é indispensável, para prover todos os Jardins de médico, enfermeira, dentista e dietista.

O **MÉDICO** faria exames periódicos nas crianças, para constatar a normalidade de suas medidas, além de examinar seus olhos, ouvidos, nariz. Ainda deveriam acompanhar de perto as crianças que usassem aparelhos ortopédicos e outros corretivos. A enfermeira deveria, junto com a professora, receber as crianças, observando em linhas muito gerais sua saúde; junto ao médico, ela manteria atualizadas as fichas do arquivo.



no mundo

das crianças

Um **DENTISTA** aplicaria flúor nos alunos, e, de perto, verificaria se a dentição estaria se processando de maneira normal ou não.

A **DIETISTA** da escola trabalharia no sentido de dar a todos uma educação alimentar, influenciando ainda a cantina do Jardim, através do planejamento de cardápios corretos que contivessem vitaminas e minerais, tantas vezes esquecidos.

Ultrapassando o campo da saúde, a supervisão do adulto se faz necessária no Jardim, desde bem antes da entrada dos alunos na sala de aula. É claro que o ideal seria as crianças chegarem e se dirigirem imediatamente para a sala, mas geralmente não é isso que acontece. É bom então que sintam alguém à sua espera, alguém que lhes diga: "Bom dia"! "Boa tarde" e que muito discretamente, mostre a Paulinho que aquele seu gesto de bater no colega não foi bonito. Ou, quem sabe, alguém que toque violão ou que cante com os meninos para que eles cheguem calmos, tranquilos à sala de aula.

Nos corredores, pátios e cantinas serão **AS SERVENTES** ótimos auxiliares, se estiverem conscientes do papel de protetoras das crianças. Para isso, aprenderiam que não se deve bater, nem fazer cara feia, nem ameaçar os pequenos nas suas idas e vindas pelo Jardim.

E dentro da sala, que faz o adulto?

Durante as atividades dentro da sala, a supervisão da professora se faz necessária, não para privar a criança de uma série de coisas, não para dizer **NÃO**, mas para mostrar o que devem fazer, a fim de se sentirem mais livres e mais felizes.

Vocês já imaginaram como se sentiria segura aquela criança que, junto com a professora, tivesse planejado o que deveria ser feito naquele dia?

- Como usar o material da banca de concertos
- Como carregar o serrote
- Como usar os pincéis e as tintas sem importunar os colegas
- Como usar e guardar a tesoura

E aquela troca planejada, feita pela professora, para que Valéria, trabalhando com Jonas, sentisse um pouco de sua tranquilidade e deixasse tranquila a sala inteira?

Só mesmo a professora, só mesmo o médico, a enfermeira, o dentista e toda a gente grande que aprecia e quer bem o maravilhoso mundo das crianças.

21 de Abril

Planejamento para um auditório — 4.^a Série

Gláucia Maria de Carvalho

Auditório para 3.^a e 4.^a série

Assunto: 21 de abril — Inconfidência.

Personagens: Tiradentes, Álvares, Mariano, Domingos, Gonzaga, Silvério, Cláudio Manoel, Padre Rolim, Alvarenga, Padre Toledo, Calendário Visconde de Barbacena, 3 alunos formando a equipe de 4.^a série e 3 de 3.^a série, e outros alunos para as poesias.

Palco — um patíbulo. Ao iniciar, aparece um aluno vestido de branco representando Tiradentes, com a corda amarrada ao pescoço e junto a ele, o carrasco de capuz negro. Tiradentes terá as mãos amarradas para trás. Em baixo, duas mesas, onde dois grupos de alunos pesquisam, um grupo de 3.^a série, outro grupo de 4.^a série.

CENA I

Côro — Ouviram do Ipiranga às margens plácidas,
De um povo heróico o brado retumbante.
E o sol da Liberdade em raios fúlgidos
Brilhou no céu da Pátria neste instante.

(Este último verso será em surdina)

Tiradentes — Jurei morrer pela Liberdade.
Cumpro a minha palavra.

Côro — (Repete, cantando, a primeira estrofe do Hino Nacional)

CENA II

(Os dois grupos de alunos, nas mesas abaixo, continuam pesquisando, enquanto Tiradentes continua na posição anterior, com o carrasco de lado)

3.^o ano/aluno 1 — A luta pela liberdade é velha, tão velha quanto o descobrimento do Brasil...

3.^o ano/aluno 2 — Os índios contra os portugueses...

Outro aluno do 4.^o ano — A guerra dos emboabas ... mineiros contra portugueses...

Calendário — 1720: Reinado de D. João V. Época de maior abundância do ouro...

4.^o ano/aluno 1 — (Faz a leitura)

Inconfidência

O LIBERALISMO FRANCES

Para se entenderem os motivos da conjuração Mineira, é necessário lembrar que, antes do século XVIII e já no seu início, em todos os países, havia duas classes sociais perfeitamente separadas. Uma, a dos poderosos, a da aristocracia, a do dinheiro, a do clero, que, aproveitando os prazeres da vida, tinha segurança e nada lhe faltava. A outra era o povo, classe muito mais numerosa; trabalhava, nada possuía. Não conhecia direitos, era escravizado por inúmeros e pesados deveres. A ninguém podia recorrer, pedindo justiça; a ninguém podia solicitar ajuda e muito menos protestar contra a tirania. O povo sofria fome de alimentos e fome de justiça.

A esse tempo, os sábios e escritores, principalmente franceses, começaram a escrever contra a injustiça social, clamando por direitos e liberdades para os oprimidos, num movimento de idéias que se chamou Liberalismo.

As mesmas condições de opressões e infelicidade, que reinava entre os indivíduos e classes, existiam entre as nações. Havia aquelas, como a Inglaterra e Portugal, que dominavam outras a que chamavam "colônias". O Liberalismo visava a dignificação não somente as relações entre os homens, mas também entre as nações.

Esse movimento de idéias inspirou a libertação dos Estados Unidos, a grande revolução francesa e, aqui no Brasil, o episódio da Conjuração Mineira.

O Liberalismo era o mais potente adversário do modo pelo qual nos dominava Portugal. Sua divulgação entre nossos homens seria um convite à revolta e, portanto, uma ameaça à dominação portuguesa no Brasil, razão pela qual a Corte procurou, por todos os meios, impedir que os brasileiros participassem desse movimento liberal. A entrada de correspondência ou livros considerados subversivos foi fiscalizada e proibida. Pessoas "perigosas" deviam ser vigiadas. Portugal criou uma barreira que filtrasse tais idéias. A ignorância do povo assegurava maior facilidade para conservá-lo subjugado. (Transcrito do livro "Iniciação à nossa História" do professor José Hermógenes).



Planejamento para um auditório — 4.^a Série

Vicentina C.A.
Santos

Gláucia Maria de Carvalho

Mineira

CENA III

4º ano/aluno 2 — O papel dos estudantes.

(Três estudantes: José Álvares Maciel, Domingos Vidal Barbosa e José Mariano Leal. Entram em cena onde Tiradentes permanece acompanhado do carrasco. Os três conversam)

Álvares — Meus amigos, é preciso fazer alguma coisa. O Brasil é também uma colônia. É preciso libertá-lo...

Mariano — Vocês viram? Os Estados Unidos acabaram de proclamar a sua independência.

Domingos — Faremos o mesmo, Mariano. Vamos, Álvares?

Os três — Semearemos o Liberalismo no Brasil e o ideal de Liberdade brotará de cada coração brasileiro.

Côro — Liberdade... abre as asas sobre nós...

CENA IV

4º ano/aluno 3 — Em que campo semear o desejo de Liberdade?

3º ano/aluno 3 — Em Minas Gerais!

(Uma aluna fala uma poesia de Mercês Maria Moreira Lopes)

O ipê floresce dentro do sertão
Dessas Minas Gerais banhadas de ouro.
O ouro da terra a se espalhar no chão,
Flor de ouro, ouro em flor como um tesouro.

Terra afora, derrama-se num véu
De ouro em pó, de ouro em flor, cobrindo a
serra.

Rola sem rumo e se mistura ao léu".
Com o ouro da serra, encachoeirando a terra.

Vendo-o tão pródigo, fulgente e louro,
Tem-se, como mineiro, esta impressão:
Que Minas abre o peito cheio de ouro
para o ouro em flor guardar no coração.

A guisa de JOGRAL:

A — vozes agudas
G — vozes graves
T — todos

G — Minas de minas mil
T — Minas Gerais
A — Minas de verdes plumas
V — Minas de ouro em rios
T — Minas Gerais
A — No corpo de esmeraldas
G — As pedras incrustadas
V — Em arco-iris real
T — Minas das Minas Gerais
V — Minas dos grandes nomes
A — Das nobres mulheres
G — Dos grandes Homens
T — Minas Gerais
A — Do teu solo jorraram jóias virgens
G — Sobre ti nasceram tantos nomes...
V — Tantos homens...
T — Tiradentes.

CENA V

Calendário — 1789

Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto (Tiradentes tira a veste branca, após sair da fôrca. O carrasco sai da cena. Tiradentes se assenta no chão e fica em atitude de quem está pensando. Enquanto isso, um aluno entra e declama)

OURO PRETO

Um aluno

(de Raimundo Corrêa)

Aqui outrora retumbaram hinos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rolou por entre os ouro pés mais finos...

Arcos de flôres, fachos purpurinos,
Tronos festivos, bandeiras desfraldadas,
Girângolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou! Numa dessas arcarias
Negras, e dêsse torreões medonhos,
Alguém se assenta sobre as lajes frias.

Espalha os olhos úmidos, tristonhos
Em tórno... e chora como Jeremias
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos...

21 de Abril - Auditório

Tiradentes —

Treze colônias da América do Norte foram libertadas. O Brasil é grande. É rico. É preciso torná-lo independente ... Quem poderia me ajudar? (pensando) Tomás Antônio Gonzaga...

Gonzaga —

(Entra em cena, dizendo versos)

Mal vi o teu rosto
meu sangue gelou-se
e a língua prendeu-se.
Tremi e mudou-se
das faces a côr.
Na sua face mimosa, Marília
estão misturados
purpúreas fôlhas de rosa
brancas fôlhas de jasmim
Dos rubis mais preciosos
os seus lábios são formados.
Os seus dentes delicados
são pedaços de marfim...

Tiradentes —

E também Inácio José de Alvarenga Peixoto...

Alvarenga —

(Entra em cena escrevendo e lendo alto os seus versos)

Esses homens de vários ocidentes
Pardos e prêtos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes
Aos penosos serviços acostumados.

Eles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho,
Os fortes braços afeitos ao trabalho.

Tiradentes —

— E Joaquim Silvério dos Reis...

Silvério —

(Entra resabiado)

Tiradentes

— Padre Rolim ... Padre Toledo ...
(Entram e ficam conversando baixinho com os outros)

Tiradentes

Cláudio Manoel da Costa...

Cláudio

— (Entra em cena falando versos)

Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só que a mísera lembrança
Te não tenha presente na mudança
Que fêz, para meu mal, minha alegria.

Ouçam! Ouçam (fala para os outros, entusiasmado)

Em outro tempo, amigo, os homens sérios
Na rua não andavam sem florete.
Traziam a cabeleira grande e branca
E nas mãos o seu chapéu. Agora, amigo,
Os nossos próprios becas têm cabelo;
Os grandes, em florete vão a missa
Com a chibata na mão, chapéu fincado,
Na forma em que passeiam os caixeiros.

Conspiradores — Que é isso?

Cláudio

— São cartas para o Governador Cunha Menezes, criticando-o pela sua falta de educação.

Tiradentes —

— E o povo anda descontente mesmo com êle, com os impostos. E nós com os opressores. Tudo começou quando exigiram dos mineiros um quinto do ouro. Como se isso não bastasse, exigiram de cada um o pagamento anual de cem arrobas de ouro...

Cláudio

— O atraso atual é de 596 arrobas e vão forçar o povo a pagá-las.

Silvério

— Já vieram instruções para se executar a derrama — cobrança dos impostos atrasados. E eu devo tanto ... tanto ...

Padre Rolim

— Os veios de ouro já não dão quase nada...

Silvério

— E eu devo tanto ... e eu devo tanto ...

Côro — (Canta em surdina)
... Ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil!

Tiradentes —

— A minha vida pela liberdade do Brasil.

Todos —

— A nossa vida pela liberdade do Brasil!

Côro —

(Em surdina)

— ... Ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil!

Tiradentes

— Haverá a Derrama. O povo já não aguenta mais. Neste dia gritaremos ao povo que nos siga na luta pela liberdade e que façamos juntos um Brasil livre. Nós nos espalharemos pelos núcleos principais da Capitania de Minas Gerais e, no mesmo dia, o mesmo grito atrairá os brasileiros. Tomaremos o poder e o Brasil será livre.

Todos —

(Batendo palmas)

E o Brasil será livre!

Padre Toledo —

— Libertaremos os escravos.

Todos —

— E tornaremos Minas Gerais um Estado autônomo. A bandeira da nova república será assim... (Abre uma bandeira de Minas. Os companheiros o ajudam)

Tiradentes

— Libertas, quase sera tamen... Liberdade, ainda que tardia!

Tiradentes —

— Agora, saiamos a cumprir nossa missão. No dia da Derrama nós nos identificaremos pela senha "Hoje é o batizado". E parto para o Rio de Janeiro, certo de que venceremos. (Tiradentes recoloca a veste branca, e volta a posição anterior acompanhado do carrasco)

CENA VI

(Os outros personagens saem e deixam no palco só Tiradentes e seu carrasco. Abaixo, os dois grupos continuam estudando)

Aluno — (Lê)

21 de Abril - Auditório

Gonzaga —

— Levaremos a sede da Capitania de Minas para São João del Rei...

Cláudio

— E criaremos uma universidade aqui em Vila Rica.

Alvarenga

— Vocês se lembram daquele alvará proibindo o uso e fabrico de tecidos de algodão? Pois, incentivaremos a fabricação e o uso desse tecido, assim como o aproveitamento do ferro e salitre das Minas Gerais.

Padre Rolim

— Serão propostos prêmios para as mães de muitos filhos.

Gonzaga —

— Criaremos uma milícia militar.

O ALFERES XAVIER

(do livro "Tiradentes" de Sérgio D. T. Macedo)

Entre os que, por êsse tempo, se dedicavam em Vila Rica à arte de aliviar os males do próximo, encontrava-se um alferes de cavalaria que, juntamente com o padre Francisco Ferreira da Cunha, mantinha uma espécie de farmácia perto da ponte do Rosário, onde atendia a quantos o procurassem.

O militar, não somente tratava de doenças como dores de dentes, como fazia extrações e trabalhos que são hoje denominados "prótese". Por isso, não tardou a ficar conhecido pela indicação de Tiradentes.

Seu nome era Joaquim José da Silva Xavier e não era filho de Vila Rica, pois nascera em São João del Rei, no ano de 1746, havendo sido batizado na capela de São Sebastião do Rio Abaixo.

Pretende-se que tenha aprendido com o padrinha — Sebastião Ferreira Leitão, que além de dono de mina, era cirurgião licenciado na arte de dentista.

Foram seus pais Domingos da Silva dos Santos e Antônia da Encarnação Xavier. Teve seis irmãos, dois dos quais se ordenaram padres.

Pouco se sabe a respeito da infância de Joaquim José que perdeu seus pais muito cedo e aos quatorze anos já se encontrava trabalhando no transporte de cargas, entre Minas e Rio de Janeiro, fazendo longas caminhadas pelos sertões. Passou depois a trabalhar por conta própria, como comissário fazendo compras por incumbência de terceiros, transportando os mais variados artigos de comércio.

Não lhe sorriu a sorte porém, e ele encontrou-se, certa feita, inteiramente sem recursos, o que o levou a assentar praça na Cavalaria de Vila Rica.

Aconteceu isso em 1769, quando êle contava 23 anos de idade.

Inteligente, aplicado, estudioso e conhecedor dos caminhos e estradas, não teve dificuldade em ir ascendendo aos diferentes postos: cabo, furriel, sargento e alferes.

Sabe-se que sua honradez era geralmente reconhecida e louvada, havendo sido incumbido pelos seus superiores de diferentes missões que exigiam, não só essa qualidade, como vivacidade intelectual. Certa ocasião, esteve em vias de ser transferido para o Sul, no comando de um contingente. Porém sua presença em Vila Rica foi considerada de maior necessidade, visto o profundo conhecimento que tinha dos caminhos.

(Aparecem conversando o Visconde de Barbacena e Joaquim Silvério. Esse diálogo é ao natural. Joaquim Silvério conta tudo ao Visconde, as reuniões, a finalidade do movimento acrescentando que os Inconfidentes tinham a intenção de matá-lo a êle, Visconde de Barbacena. O diálogo é desenvolvido atrás dos bastidores de forma que se ouçam as vozes, somente: A do Visconde autoritária, desumana, colérica; a de Joaquim Silvério, humilde, medrosa, trêmula. Joaquim Silvério termina sua delação contando o dia da próxima reunião, frisando que os Inconfidentes tencionavam matar o Visconde, e pede clemência para os seus impositos).

CENA VIII

4º ano / Aluno 1

— (Lê) “O Visconde apavorou-se. Tremeu, interiormente. Então eram verdadeiros os rumores que vinha ouvindo, de certo tempo para cá! Então pretendiam matá-lo!

/ Visconde

— Ora! Muito bem! eu sei como proceder.

21 de Abril - Auditório

No Rio de Janeiro, apresentou um plano de canalização das águas do rio Andará e do rio Maracanã, com o que melhoraria o abastecimento da cidade, bem como imaginou a construção de moinhos no Catete e em Laranjeiras, planos êsses considerados excelentes e cientificamente exatos, pelos que os examinaram posteriormente. Só se pode atribuir a interesses escusos o não atendimento das soluções e realizações propostas pelo alferes Xavier.

Patriota sincero, ninguém teve, talvez, maior entusiasmo do que êle, pela causa que todos abraçaram. E sua morte dramática, sua conduta durante os longos tempos de prisão e os martizantes interrogatórios que teve de suportar, confirmaram tudo o que se dizia a respeito de sua fibra, do seu caráter e da sua coragem.

CENA VII

Calendário — Cachoeira do Campo, 15 de março de 1789.

3º ano / aluno 2

— (Lê) “Convencido de que não deixara Joaquim Silvério perceber o medo que dêle se apoderara, pediu ao delator que, sem demora, fôsse à Vila Rica e procurasse apurar maiores detalhes da conspiração. Ao mesmo tempo, baixava uma ordem — um Bando — como se dizia — suspendendo a Derrama programada, até que a metrópole resolvesse a respeito das ponderações que êle mandaria fazer-lhe. Em seguida fez partir para o Rio de Janeiro um emissário de absoluta confiança, com uma carta para o vice-rei D. Luís de Vasconcelos, na qual narava o que se passava, contava a conversa com Joaquim Silvério, e pedia a urgente remessa de tropas para Minas.

As de que dispunha, explicava êle, não eram suficientes e não lhe inspiravam muita confiança, ademais, porque eram constituídas de brasileiros, em sua maioria.

A notícia da suspensão da Derrama explodiu em Vila Rica como uma bomba! O povo foi para as ruas em manifestações de regozijo, fazendo os maiores elogios a Barbacena.

Os conspiradores ficaram atônitos. Algo deveria ter acontecido! O que seria? Traição? Delação? Provavelmente. Com o objetivo secreto de ver se apurava alguma coisa, Tomás Gonzaga foi visitar Barbacena, com o qual conversou longamente, sem entretanto, conseguir certeza de nada".

(Extrato do livro "Tiradentes e Aleijadinho", de Sérgio D. T. Macedo).

CENA IX

/ Calendário

— Maio de 1789. No Rio de Janeiro Tiradentes é prêso.

4.º ano / Aluno 2

— Trancafiado na cadeia pública...

/ Aluno 3

— Coberto de ferros...

3.º ano / Aluno 3

— Seria depois transferido para o calabouço de um fortim que existia na Ilha das Cobras.

/ Aluno 2

— (Leitura) "Gonzaga era prêso, em sua casa, algemado e seguro por uma corrente à sela do cavalo de um soldado. O militar preveniu-o de que iriam para o Rio de Janeiro naquele instante e a

tropa partiu, iniciando a penosa viagem». Depois, na prisão, fazia versos a sua adorada Marília.

/ Gonzaga

— (Entra em cêna, fazendo mímica correspondente à escrita dos versos na parede, com o fumo da candeia que alumia a masmorra).

3.º ano / Aluno 1

— (lê)

Neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marília, o Amor, que vá cantar-te.
Cumpro o seu desejo.
E ao que me resta supra
A paixão e a arte.

A fumaça, Marília, da candeia
Que a molhada parede ou suja, ou pinta,
Bem que tosca e feia,
Agora me pode
Ministrar a tinta.

(Um aluno lhe entrega papel e lápis e êle — Gonzaga — começa a escrever, enquanto lê em voz alta)

Gonzaga

— Se me visses com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil idéias funestas,
E cuidados combatido —
Qual seria, minha bela,
Qual seria o teu pesar?

A fôrça da dor cedera
E nem estaria vivo
Se o menino deus vendado
Extremoso e compassivo

Com o nome de Marília
Não me viesse animar.

3.º ano/Aluno 1 — Alvarenga Peixoto prêso, vive as saudades de Bárbara Heliodora

ALVARENGA: (na prisão, recita Bárbara Bela)
Bárbara Bela, do norte estrêla...

CENA X

CALENDARIO — 1789

TODOS — Prisões... Torturas...

TIRADENTES — Jurei morrer pela liberdade.

Cumpro a minha palavra!

CALENDARIO — 1790

TODOS — Interrogatórios... Torturas...

TIRADENTES — Jurei morrer pela liberdade.

Cumpro a minha palavra.

CALENDARIO — 1791

TODOS — Interrogatórios — Torturas — Interrogatórios — Torturas.

TIRADENTES — Jurei morrer pela liberdade.

Cumpro a minha palavra.

CALENDARIO — 1792 — 18 de abril — Rio de Janeiro.

4.º ano/ALUNO 1 — Cabeça pendente, pálidos, trêmulos, semelhantes a animais acuados, os condenados ouviram a sentença lida pelo escrivão do processo, cujo final dizia:

ESCRIVÃO — (vai ao palco e lê para a plateia) Portanto, condenam o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha O Tiradentes, alferes que foi da tropa paga da Capitania de Minas, a que, com barão e pregão, seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da fôrca e nela morra morte natural para sempre e que, depois de morto, lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica, aonde em lugar mais público dela, será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma, e o seu corpo será dividido em 4 partes e pregados em postes pelo caminho de Minas, no sítio das Varginhas e das Cebolas, onde o réu teve suas infames práticas e os mais nos sítios de maiores povoações até que o tempo também as consuma. Declaram o réu infame e seus filhos e netos; tendo-os, e os seus bens aplicam o Fisco e a Câmara Real, e a casa em que vivia em Vila Rica, seja arriada e salgada para que nunca mais no chão se edifique, e não sendo própria, será avaliada e paga a seu dono, pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memória a infâmia deste abominável réu.

4.º ano/ALUNO 2 — A mesma sentença condenava igualmente à morte Paula Freire de Andrade, Alvares Maciel, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Domingos Vieira, Francisco Lopes, e Luís Vaz de Toledo Pisa. Não tardaria, porém, a ser comutada em degrêdo: O alferes Xavier seria o único a morrer, seria o único mártir.

(Enquanto é lido o trecho acima Tiradentes sai para voltar lentamente, acompanhado do carrasco. O Côro solfeja o Hino à Inconfidência, enquanto um aluno lê:

ALUNO 3 — “Eram nove horas da manhã de 21 de abril de 1792, quando se abriram as portas da cadeia e surgiu o condenado, ladeado por membros da Irmandade da Misericórdia. Tinha a barba e a cabeça raspada, como era de uso nos condenados. Vestia uma espécie de camisola chamada alva; suas mãos estavam amarradas com cordas e entre elas trazia êle um crucifixo. O alferes Xavier estava muito magro; havia quem duvidasse que conseguisse fazer o longo trajeto até a fôrca, tão debilitado estava.

Aproximou-se, então, o carrasco oficial, um condenado que exercia êsse triste mister e tinha o apelido de Capitania. Dirigiu algumas palavras ao alferes e êste baixou a cabeça, sendo então passada uma grossa corda em seu pescoço. O carrasco preparou o nó e ficou segurando a ponta da corda. O carrasco passou a ponta da corda pela trave e o corpo de Tiradentes ficou suspenso no ar.”

TODOS — Morreu assim o primeiro mártir da liberdade no Brasil.

TODOS OS ALUNOS — (cantam o Hino da Inconfidência).

* * *

BIBLIOGRAFIA

- Tiradentes e Aleijadinho — Macedo, Rogério D. T.
- História do Brasil — Vianna, Hélio
- Minas Gerais — Santos Theobaldo Miranda
- Criança e Poesia — Araújo, Maria
- Bam-ba-la-lo, Sinhô Capitão — Lopes, Mercês Maria Moreira
- A Poesia na Escola — Coletânea organizada pela Secretaria de Estado da Educação
- As mais belas histórias — 3.º ano — Casassanta, Lúcia Monteiro
- Poesia Brasileira Para a Infância — Nunes, Cassiano e Brito, Mário da Silva
- Vamos conhecer a nossa história? — 3.º ano — Montandon, Leonilda S.
- Leituras de Pedrinho e Maria Clara — 4.º livro — Lourenço, M. B. Filho

Introdução à Catequese

no

Jardim da Infância

*Livro adotado: "Deus revelado às crianças" de
Jeanne Marie Dingenon.*

*("A La Decouverte de Dieu" — título original
francês)*

Linhas Gerais:

- Ensino ocasional — aproveitar-se dos acontecimentos da vivência da própria criança.
- Sacralização do profano — educar para a tarefa de transformação do mundo e à descoberta do sagrado, orientando-o para um ponto (o Cristo).
- Partir dos centros de interesse da criança.
- Partir do perceptível: frutos, flôres, água, luz, noite etc.
- A descoberta de Deus, através do perceptível e dos acontecimentos concretos, cresce entrecortado pelas festas litúrgicas. Páscoa, Pentecostes, Natal etc.

Objetivos do Programa:

1. Educar para a atenção (o sobrenatural não se enxerta sobre um natural deficiente).
2. Através desta educação humana, ascender até Deus e corresponder a seus apêlos.

Observações Pedagógicas:

1. Dar muita importância à atmosfera em que a aula se desenvolve: serenidade, atenção.
2. Atitudes: formar bons hábitos.
3. Silêncio para perceber os apêlos do Espírito.
4. Utilizar os conhecimentos:
 - a. Nada de sólido se pode realizar sem a ajuda da família;
 - b. educar a criança para viver a docilidade do Espírito Santo; (distinguir o bem do mal);
 - c. educar os adultos para o objetivo da catequese renovada (reuniões, palestras, debates etc);
 - d. a educação religiosa da criança é feita, neste período, mais por impregnação: pelo clima da aula e pelas atitudes, do que por palavras;
 - e. no correr das aulas a professora fará perguntas às crianças, como por exemplo: fazendo isto, em que está você pensando e lembrará a mensagem religiosa da palestra;
 - f. educação para o domínio do corpo — preparação para a vida do espírito.

MARÇO:

1ª semana: resumo do conteúdo do programa dado às professoras.

- dia 11: As flôres
- dia 18: As frutas
- dia 25: As fôlhas

ABRIL:

- dia 1: Os astros
- dia 8: A Páscoa - Comemoração da Páscoa
- dia 10: Após a ressurreição
- dia 25: A água
- dia 22: Animais domésticos
- dia 29: Mamãe com seu filho

MAIO:

- dia 6: A Igreja
- dia 12: Festa das Mães
- dia 20: A casa
- dia 27: A mesa

Sugestão de Programa

Calendário

JUNHO:

- dia 3: Deus nos deu mãos
- dia 10: Deus nos deu olhos
- dia 17: Deus nos deu ouvidos
- dia 24: A estrada
- dia 25: Entrega e apreciação do relatório do crescimento religioso da criança.

JULHO:

Férias.

AGOSTO:

- dia 5: Maria, a Virgem
- dia 12: O fogo
- dia 15: O domingo
- dia 19: Celebração em honra da Virgem Maria
- dia 26: A luz

SETEMBRO:

- dia 2: A noite
- dia 9: A semente
- dia 16: Os passarinhos
- dia 19: (6ª-feira) Oração silenciosa
- dia 30: A terra

OUTUBRO:

- dia 7: O trigo e o pão
- dia 14: Dia das professoras
- dia 21: Os rebentos
- dia 28: Maria

NOVEMBRO:

- dia 4: O dia de uma criança (1)
- dia 11: O dia de uma criança (2)
- dia 18: Jesus abençoa as crianças
- dia 21: (6ª-feira) Sim e Obrigada — preparação para as férias
- dia 25: Preparação para o Natal
- dia 26: (6ª-feira) Os Magos
- dia 29: A oferenda.

SUGESTÃO DA IRMÃ CATARINA COTEGIPE

— Orientadora de Catequese da Escola "12 DE DEZEMBRO" de Belo Horizonte.

mória, honrada! Que a côrte mande sequestrar os nossos bens: farei entrega de tudo! Se te condenarem à morte, saberás morrer como um herói. A escada para o patíbulo é muitas vèzes o degrau da imortalidade!

Alvarenga Peixoto, arrependido do que chegara a pensar num momento de alucinação, aceitou as ponderações da espôsa:

— Tens razão. O que me veio à idéia foi um pensamento mau, que eu nunca teria coragem de realizar. Denunciar meus companheiros? Nunca! Seria uma vileza e uma covardia. Eu nunca fui vil nem covarde!

Não tardou que Alvarenga Peixoto fôsse preso, quando estava de passagem em São João del Rei. Começaram daí os desgostos, que vieram atormentar a alma de D. Bárbara até os últimos dias de sua vida. Nunca mais ela teve um instante de felicidade. Tornou-se uma verdadeira mártir, uma santa, uma heroína.

De São João del Rei, seu marido foi remetido para a Ilha das Cobras, onde, durante dois anos, esteve algemado e encerrado, aguardando julgamento.

Na prisão, compôs Alvarenga Peixoto belíssimos versos em que pranteava a saudade da espôsa e dos filhos distantes.

Logo em seguida, a casa de D. Bárbara foi invadida pelas autoridades, que a intimaram a entregar todos os bens do casal. A virtuosa senhora não ocultou nada — fêz entrega de tudo, até das jóias que ganhara do marido, inclusive uma caixa

de rapé em que havia seu retrato circulado por pedras preciosas.

Como porém, metade dêsses bens lhe pertencia, ela exigiu das autoridades sua restituição e pôde assim pagar as dívidas do marido e continuar a educação dos filhos.

Três anos depois, lhe estava reservado o maior dos golpes — a condenação de Alvarenga à morte! Resignada, Bárbara Heliadora nem por um momento se arrependeu de ter aconselhado a seu marido que não denunciasse os companheiros. Por aquêle preço, seria muito amarga a Liberdade!

Graças, porém, à clemência da Rainha D. Maria I a condenação à morte foi comutada para a pena de degredo perpétuo na África.

Na mesma sentença, foram declarados *infames* os filhos de Alvarenga Peixoto. Tamanho foi o desgosto de Maria Ifigênia que não pôde sobreviver à vergonha, que assim lhe vinha manchar o nome para tôda a vida: finou-se de pesar aos 15 anos de idade, em pleno esplendor de sua graça e beleza.

Alvarenga embarcou com os outros degredados num navio de vela, que os levou para Angola. Tão insalubre e doentia era a região a que foi atirado, que o mau clima ajudou a matá-lo. Depressa morreu, menos dos ares pestilentos que das saudades da Pátria e da família de quem nunca teve notícias.

O nome de Bárbara Heliadora, porém, não foi jamais esquecido. Entrou para a História, como sinônimo de coragem, firmeza e abnegação!

* * *

Cara colega...

Renovação de assinaturas:

Várias são as cartas que nos têm chegado solicitando informações de como *FAZER RENOVAR* assinaturas de nossa Revista.

É muito simples: enviem-nos um cheque visado ou vale postal, no valor de NCr\$ 15,00 (assinatura anual) ou NCr\$ 8,00 (assinatura semestral), junto ao seu pedido.

xxx

Um brinde para você

Estamos oferecendo os dez primeiros números de "AMAE EDUCANDO" em sugestiva, prática e atraente encadernação, com um funcional índice dos mesmos, no valor, apenas, de NCr\$ 20,00.

Se você já possui os dez referidos números, a capa custar-lhe-á apenas NCr\$ 5,00.

Aproveite a oportunidade! É mesmo um brinde para você!

xxx

MARIA DA CONCEIÇÃO RIBEIRO — Guaxupé.

"...na oportunidade, queremos cumprimentá-las pelo êxito que vem alcançando a revista e agra-

decê-lhes pelas orientações seguras e práticas que temos recebido através dos artigos publicados".

xxx

DEUSA DO LAR DE ALMEIDA SMARGIASSI -
Guaxupé.

"...e apresento à direção da Revista meus cumprimentos pelo valioso trabalho. É, de fato, uma publicação que ajuda a todos os educadores. Parabéns!

xxx

IRMÃ NORMA APARECIDA ROMARCIANI —
Tupã — São Paulo.

"...sendo leitora assídua da Revista "AMAE EDUCANDO", tenho me utilizado muito dela nas aulas de Prática de Ensino".

xxx

Suas palavras, caríssimas colegas, constituem para nós estímulos para novas lutas; lutas, no sentido de buscar o que de melhor existe em matéria de Educação e, com êste mesmo prazer que temos agora, ofertar-lhes na época oportuna. A Criança Brasileira merece, e vocês o merecem também.

MUITO OBRIGADA.

JÁ SE DISSE QUE O ENSINO
É UMA GALERIA DE HERÓIS
ESQUECIDOS.

O PROFESSOR É AQUELE QUE
DÁ TUDO DE SI, QUE DÁ O ME-
LHOR DE SI PARA QUE OUTREM
SEJA MELHOR.

"AMAE EDUCANDO" CONCOR-
DA — O PROFESSOR É UM HE-
RÓI.

"AMAE EDUCANDO" DISCOR-
DA: ELE NÃO DEVE SER ESQUE-
CIDO, ANÔNIMO.

AQUI, EM "AMAE EDUCANDO",
QUEREMOS UM LUGAR DE CON-
TAR O BEM DO PROFESSOR, O
TRABALHO QUE DESENVOLVE,
O SONHO QUE ELE SONHA.

AQUI VAMOS FAZER-LHE UMA
PEQUENA HOMENAGEM, VAMOS
MOSTRAR A MINAS O PROFES-
SOR MINEIRO.

VOCE, CARA COLEGA, CONHE-
CE, É CERTO, NO SEU MEIO,
MUITA GENTE QUE TEM FEITO
MUITO E CUJA OBRA, SE CO-
NHECIDA, SERÁ INSPIRAÇÃO
PARA NOSSOS LEITORES.

ESCREVA-NOS ENVIANDO SUA
SUGESTÃO DE QUEM DEVERA
PERTENCER A GALERIA QUE VA-
MOS INICIAR NAS PAGINAS DE
"AMAE EDUCANDO".

DIGA-NOS O PORQUE DE SUA
INDICAÇÃO.

ESPERAMOS...

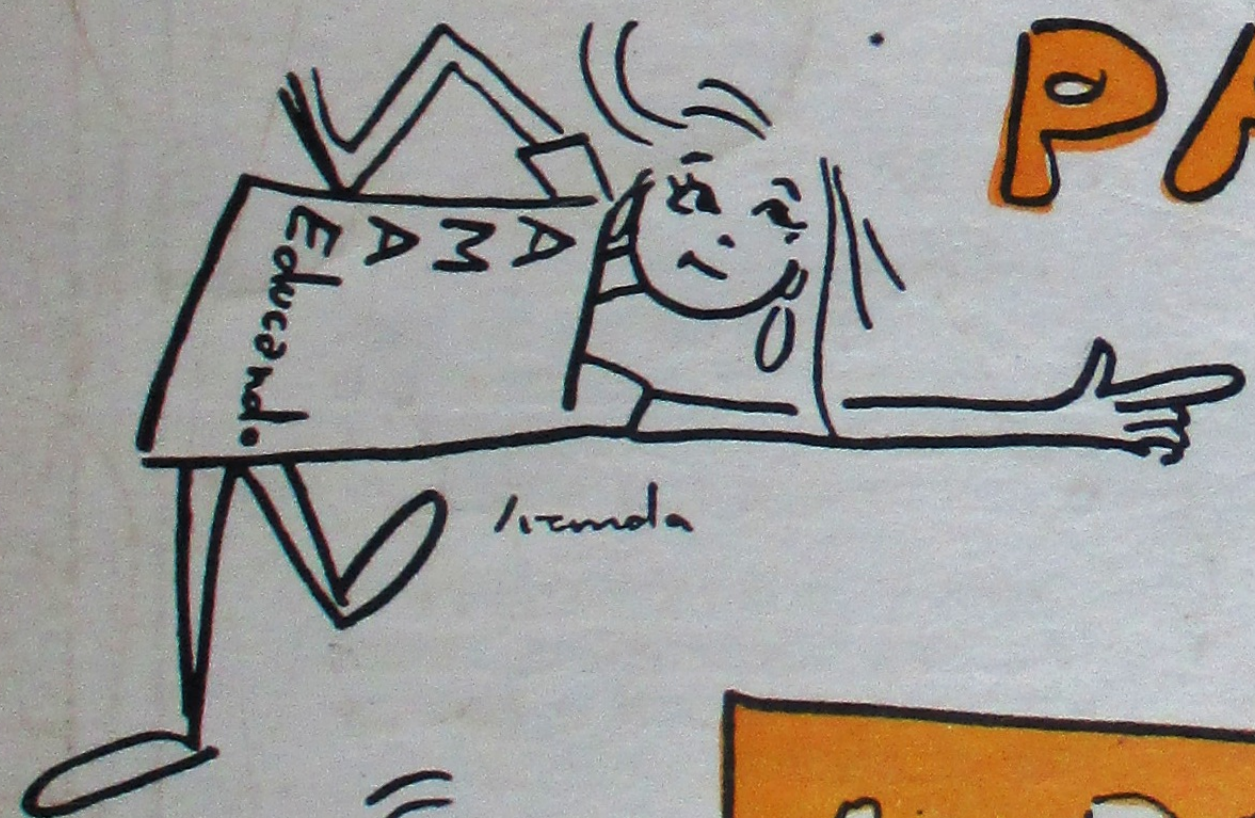


É NOVA!

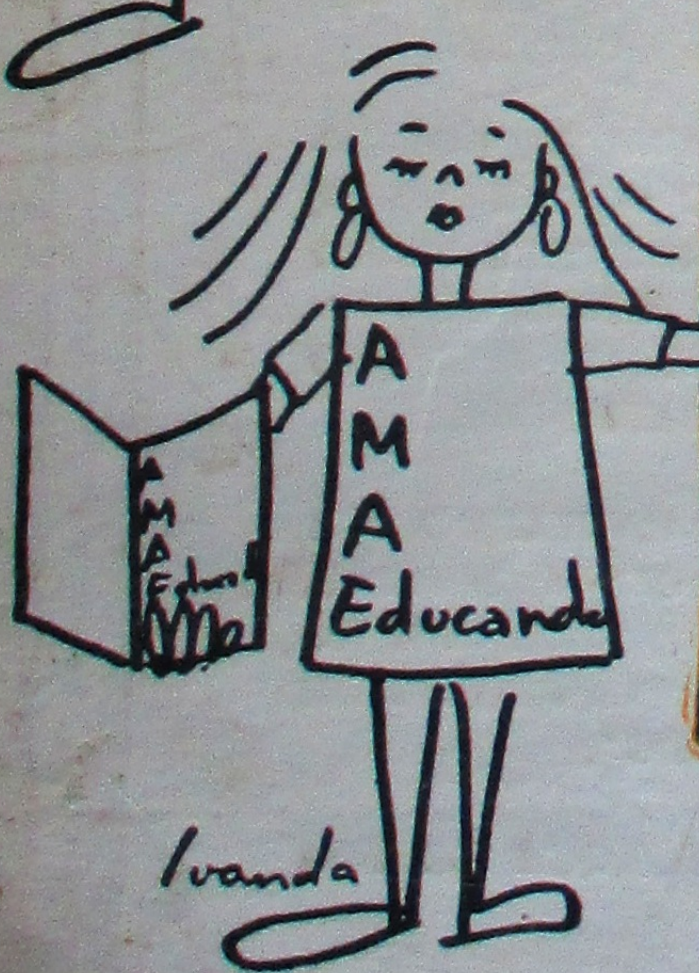


É DINÂMICA!

**FOI FEITA
PARA**



VOCE!



**A REVISTA
PARA QUEM
ENSINA**

Assinatura Anual: NCr\$ 15,00